



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Elaine da Silva

“EU SOU A MAIS QUERIDA, NÃO POSSO NEGAR”: UM OLHAR SOBRE A
RELAÇÃO ENTRE A EMBAIXADA COPA LORD E A CIDADE DE FLORIANÓPOLIS

Florianópolis

2023

Elaine da Silva

“EU SOU A MAIS QUERIDA, NÃO POSSO NEGAR”: UM OLHAR SOBRE A
RELAÇÃO ENTRE A EMBAIXADA COPA LORD E A CIDADE DE FLORIANÓPOLIS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Vânia Zikan
Cardoso

Co-orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Elaine da
"Eu sou a mais querida, não posso negar" : Um olhar
sobre a relação entre a Embaixada Copa Lord e a cidade de
Florianópolis / Elaine da Silva ; orientadora, Vânia Zikan
Cardoso, coorientador, Marcelo Silva, 2023.
97 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Carnaval. 3. Embaixada Copa
Lord. 4. Florianópolis. 5. Maciço Morro da Cruz. I. Cardoso,
Vânia Zikan. II. Silva, Marcelo. III. Universidade Federal
de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social. IV. Título.

Elaine da Silva

“Eu sou a mais querida, não posso negar”: Um olhar sobre a relação entre a Embaixada Copa Lord e a cidade de Florianópolis

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 23 de novembro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Viviane Vedana
PPGAS/UFSC

Profa. Dra. Cristiana de Azevedo Tramonte
MEN/CED/UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Profa. Dra. Viviane Vedana
Coordenadora PPGAS/UFSC

Profa. Dra. Vânia Zikan Cardoso
Orientadora

Florianópolis, 2023

Agradecimentos

Por mais solitária que seja a atividade da escrita, este trabalho só foi possível devido à algumas presenças. Invoco a presença de todos que incomodei para desabafar e de todos que incomodaram para terminar. Foi difícil chegar até aqui, mas, agora que finalmente cheguei, é preciso agradecer a todos que, direta ou indiretamente, pairam sobre essa conclusão.

Agradeço a todos os colegas que fiz desde a graduação no curso de Antropologia/UFSC desde 2016. Muitos ainda seguem presentes, alguns no mesmo caminho que eu, outros distantes. Mas me sinto grata por ter compartilhado esse momento com vocês.

Agradeço aos colegas da minha turma de mestrado de 2020. E, esse agradecimento carrega gratidão, mas, também, um pouco de tristeza. Muito nos foi tirado pela pandemia em 2020. Não tivemos cafés, não tivemos bares, não tivemos conversas de corredor. Porém, mesmo que de maneira remota, foi muito bom ter estado com vocês.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFSC.

Ao Peppe, desde a graduação nos guiamos juntos pelo mesmo modo acadêmico caótico.

À Vânia, minha orientadora, que sempre trouxe luz ao meu caos pessoal e que aceitou me guiar em mais um ciclo que se fecha.

Ao Marcelo, meu co-orientador, que me acolheu desde a graduação e que foi o responsável pelos *insights* para o tema desta dissertação.

À Cristiana Tramonte e Viviane Vedana, por aceitarem fazer parte da minha banca e por já terem contribuído para este trabalho antes mesmo dessa banca.

À Embaixada Copa Lord que me recebeu, me ensinou tanto e me mostrou que a potência do carnaval ultrapassa a avenida.

À Sandra de Maria, Carlos Raulino, Celinho da Copa Lord, Edu Aguiar, Seu Mário César, Dona Claudete, Seu Ari, Willian Tadeu por cederem seu tempo para entrevistas e por enriquecerem as minhas histórias de carnaval com as suas.

Ao Fernando, que é meu porto seguro.

À Renata, minha psicóloga, que segura todas as minhas pontas e que foi a responsável por me fazer conseguir finalizar esta etapa.

RESUMO

Essa dissertação reúne uma trama de histórias, relatos e olhares para entender como se constrói o lugar de destaque da Embaixada Copa Lord no carnaval de Florianópolis. Trata-se de um “trajeto antropológico” que indexa narrativas e imagens produzidas interna e externamente sobre a escola e sobre sua comunidade de origem, o Morro da Caixa (ou Monte Serrat) localizado no complexo do Maciço Morro da Cruz. Meu objetivo aqui é esmiuçar o percurso de como o bordão da escola de “a mais querida” foi se consolidando e, quais os fatores construíram e constroem a soberania simbólica da escola no carnaval florianopolitano. Perpasso os pontos altos da escola, a relação importante do carnaval daqui com o do Rio de Janeiro, os elementos que evocam uma certa tradição e a abordagem da escola e do seu território na mídia, como pontos que apoiam a confecção do lugar especial da agremiação. A análise propõe, assim, um olhar sobre que discursos afetam a simpatia do grande público à escola e que discursos afetam a simpatia do grande público ao Morro da Caixa/Monte Serrat, considerando a indissociabilidade dessas duas narrativas.

Palavras-chave: Carnaval. Embaixada Copa Lord. Morro da Caixa. Maciço Morro da Cruz.

ABSTRACT

This dissertation assembles a web of stories, accounts, and perspectives to understand how the prominent position of the Embaixada Copa Lord Samba School is established in the Florianópolis Carnival. It's an “anthropological trajectory” that indexes narratives and images produced both internally and externally about the school and its community of origin, Morro da Caixa (or Monte Serrat), located in the complex of Maciço Morro da Cruz. My primary objective here is to delve into the process of how the school's slogan, “a mais querida” (“the dearest of all”) has been consolidated and what factors have built and continue to build the symbolic sovereignty of the school in the Florianópolis Carnival. I explore the high points of the school, the significant relationship between the carnival here and that of Rio de Janeiro, the elements that evoke a certain tradition, and the school's and its territory's portrayal in the media as points that support the creation of the special place the association holds. The analysis thus proposes an examination of which discourses influence the general public's sympathy for the school of samba and which discourses affect the general public's sympathy for Morro da Caixa/Monte Serrat, considering the inseparability of these two narratives.

Key-words: Carnival. Embaixada Copa Lord. Morro da Caixa. Maciço Morro da Cruz.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Notas de desligamento e notas oficiais da Embaixada Copa Lord.....	27
Figura 2: Visão superior do Maciço Morro da Cruz e região central de Florianópolis.....	35
Figura 3: Quadra da Embaixada Copa Lord, no Morro da Caixa/Monte Serrat.....	43
Figura 4: Vista superior do caminho Avenida Hercílio Luz até a quadra da Embaixada Copa Lord.....	52
Figura 5: Volta à praça da Embaixada Copa Lord, em 2019.....	53
Figura 6: Operação policial de combate ao tráfico no Morro do Mocotó.....	56
Figura 7: Manifestação contra violência policial em frente a entrada do Morro do Mocotó, na Avenida Mauro Ramos.....	58
Figura 8: Criança soltando pipa em meio a Feira Amigos do Monte Serrat, em 2022.....	59
Figura 9: Inauguração da Praça do Monte Serrat com a presença da banda da Polícia Militar, em 2019.....	60
Figura 10: Divulgações no Instagram dos ensaios na Arena Copa Lord, em 2017.....	70
Figura 11: Diploma concedido à Copa Lord.....	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – PRELÚDIOS.....	15
1.1 O mundo do samba.....	15
1.2 Minha trajetória com a Embaixada Copa Lord.....	20
1.3 A escola de samba e a territorialidade.....	25
1.4 Uma antropologia do imaginário.....	30
CAPÍTULO 2 – O TERRITÓRIO.....	34
2.1 O Maciço do Morro da Cruz: como se constrói uma periferia.....	34
2.2 O Morro da Caixa.....	39
2.3 A Embaixada Copa Lord, Avez-Vous e o início do carnaval em Florianópolis.....	42
2.4 Avenida Hercílio Luz e Avenida Mauro Ramos.....	51
CAPÍTULO 3 – COMUNIDADE GUERREIRA (OU OUTRAS NUANCES SOBRE O TERRITÓRIO).....	55
3.1 Morro da Caixa, Morro da Caixa Continental e Morro do Mocotó: a demarcação da diferença.....	55
3.2 Comunidade guerreira.....	62
3.3 Algumas pontes entre Rio de Janeiro e Florianópolis.....	64
CAPÍTULO 4 – A MAIS QUERIDA.....	68
4.1 O lugar da escola na disputa.....	68
4.2 A Velha Guarda.....	74
4.3 “Eu sou a mais querida, não posso negar”: os enredos.....	77
4.4 O diploma de “mais querida”.....	79
4.5 A escola na mídia.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS: O EFEITO COPA LORD.....	88

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....91

OUTRAS REFERÊNCIAS..... 95

INTRODUÇÃO

Antes de falar da Embaixada Copa Lord, é preciso dizer que essa dissertação foi confeccionada por fragmentos e entre algumas ruínas. Primeiro porque ela teve que ser reestruturada ao longo do caminho por duas vezes, muita coisa desabou ao longo desse processo e por causa dele. A pandemia do Coronavírus instaurada em 2020 parou o mundo e, consequentemente, o carnaval. Com a suspensão da vida cotidiana em todo o mundo, antes mesmo do surto de Covid ser decretado como pandemia, todas as atividades habituais foram readaptadas ao menor contato físico possível. Neste movimento, todo o cotidiano das escolas de samba foi bruscamente interrompido, desde a preparação do carnaval, ensaios e festas, bem como os desfiles foram abolidos por dois anos consecutivos. Tudo isso se estendeu também a outros espaços de samba fora das escolas, visto que todas as atividades culturais foram completamente abolidas em para a não propagação do vírus.

Na época, o cenário era de apreensão, dado o hiato não era possível saber se algum dia haveria carnaval novamente. Nisso, todo o projeto e o campo que planejei se dissolveu. Uma vez que o caminho foi reestruturado, não de maneira fácil, não sem que a frustração tomasse conta, afinal, essa não era apenas uma mudança na abordagem do campo, mas uma mudança feita de muitas limitações, era preciso fazer um campo asséptico. A maior frustração de todas é a de perder o principal componente antropológico: a presença. Sobrava então, um campo sobre os fragmentos que restavam das histórias de carnavais passados.

Com alguma rota recalculada, refeito o objetivo dessa nova proposta, o campo seria feito à base de entrevistas e máscaras cirúrgicas. Realizei uma leva de entrevistas entre Janeiro e Março de 2022. Primeiro com Sandra de Maria, diretora de ateliê, que sempre foi meu maior ponto de apoio na Copa Lord, nossa conversa foi em sua casa no Morro da Caixa. Foi Sandra que, em seguida, me passou o contato de Dona Claudete, que reuniu outros dois membros da Velha-guarda, Seu Ari e seu Mário César. A conversa com os três aconteceu na casa de Seu Ari, em São José. Em sequência, entrevistei separadamente Celinho da Copa Lord (compositor), Willian Tadeu (compositor, carnavalesco e historiador), Carlos Raulino (músico, pesquisador de samba e fundador do Grupo Musical da Velha-Guarda da Copa Lord) e Edu Aguiar (compositor e pesquisador).

Logo após a qualificação do projeto, meu computador estragou e perdi o material que acumulei ao longo da minha história com a escola e, principalmente, todo o material que

serviria para a dissertação já uma vez refeita em razão da pandemia. Perdi todas as gravações de minhas entrevistas. Além disso, lá se foram alguns anos de material acumulado, textos lidos, marcações, fichamentos desde as primeiras disciplinas da graduação, além de fotos, imagens, anotações e mais anotações, *insights* para essa dissertação. Não consegui recuperar nenhum material. A partir disso, essa era uma dissertação que habitava o vazio. O sentimento de vazio era agora muito mais desconcertante do que os obstáculos anteriores. A perda de materiais é uma situação estressante, paralisante e completamente desanimadora. É preciso juntar muitos cacos e imaginar daí algum rumo possível pela segunda vez. Nesse sentido, o arranjo e rearranjo de impossibilidades e possibilidades é o condutor do caminho.

Mesmo que muito se tenha perdido, as entrevistas ainda ecoam neste trabalho. Uma mais marcadamente, outras indiretamente. Elas, de algum modo, estão presentes ao longo deste texto em passagens que guardei na memória, na falta da materialidade dos seus registros. Outras, mesmo que não citadas diretamente, ajudaram-me a delinear certos caminhos feitos aqui.

Acredito que permitir-se explicitar os fracassos, as angústias e inconsistências tem como função desmistificar as soberbas do mundo acadêmico. Essa não é a dissertação que eu gostaria de ter feito, ela é permeada de tropeços meus, ela é escrita em meio a muitas crises de ansiedade e muitas unhas roídas. Chegar aqui é poder finalmente dizer: essa é a dissertação que consegui fazer e ela não carrega vaidades, embora carregue a minha onipresente vontade de querer contar as histórias de um mundo que vivi, o do Carnaval.

Gosto de imaginar minha pesquisa como um percurso. O percurso é algo permeado de memória e movimento e isso era tudo que eu ainda tinha a oferecer. Alguns movimentos são o da minha própria imaginação, eu faço meu próprio percurso pelas histórias da Embaixada Copa Lord. Justamente por isso, é preciso antes justificar que essa é uma dissertação que parte de um lugar um tanto inverso dentro da metodologia antropológica. São muitas as cartilhas da história da disciplina que nos ensinam a seguir uma lógica crescente de pesquisa, isto é, ir a campo sem ideias pré-concebidas e procurar observar fenômenos antes da constatação de um fato. É como se o exercício antropológico exigisse uma espécie de esvaziamento, é preciso abandonar um pouco quem se é. Tarefa difícil para quem permanece por anos no mesmo lugar de pesquisa. No primeiro capítulo desta dissertação, eu apresento qual foi minha trajetória com a escola (e é nela que muita coisa se apoia, para que possa suprir as faltas). Por ora, posso dizer que eu parto de uma premissa que considero importante: a de não ignorar o que aprendi em campos anteriores.

Tendo em vista esses percursos, eu trago meu objeto de pesquisa com todos os juízos que ele carrega, a Embaixada Copa Lord parece ser e se apresenta como “a mais querida” da cidade de Florianópolis. De antemão, digo que não há como eu provar esse tipo de afirmação por meio de fatos que o atestem, afinal, o imaginário é um indexador deste trabalho. Mas, existe aqui algo que uma antropologia do imaginário chama de “atmosfera”: “Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. (...) Trata-se da descrição de um emaranhado de traços” (Maffesoli *apud* Machado da Silva, 2020, p. 9).

Em vista disso, nesta rota a intenção foi a de resgatar fragmentos para explicar um fenômeno que persiste nos campos do samba e do carnaval, mas difícil de tatear, que vai se entrelaçando por vários fios, que se espalha pela cidade, mas sem dizer por onde ou como. Orientando-me por estes fios, a tarefa que almejo cumprir com esta dissertação é a de atar alguns nós, encontrar alguns possíveis pontos que costuraram a relação da escola de samba Embaixada Copa Lord com a cidade de Florianópolis. Levando em consideração que seu lugar de destaque não é algo naturalmente dado, mas que foi construído por diversas relações diferentes ao longo dos últimos anos, eu tentei re(construir) algumas dessas relações. Eu gostaria de costurar alguns retalhos, entendam esta dissertação como um barracão de escola de samba: caótico e colorido, ao som de sambas e fofocas. Aqui tem um punhado de histórias atravessadas, pedaços de fantasias de vários anos distintos, adereços de várias fontes, uns jogados aos cantos, uns guardados com mais cuidado.

É derivado disto que eu elaboro encadeamentos possíveis, traço um “trajeto antropológico”¹ de um imaginário que faço sobre a escola da qual fiz parte e sobre o universo do “mundo do samba” do qual adentrei. Na falta do material concreto das entrevistas que realizei, eu rememoro seus fragmentos e obviamente me ancoo nas vivências que tive desde a graduação até o momento desta escrita, dentro deste mundo. Sugiro um percurso do olhar sobre a escola, sobre o meu próprio olhar, sobre alguns olhares compartilhados; ainda, sobre como a escola se apropria da cidade e como a cidade aloca a escola em seus discursos.

Existe uma relação muito estreita entre Florianópolis e Embaixada Copa Lord, mesmo que suas razões não sejam tão explícitas. Os rumos imaginativos para onde as histórias de carnaval podem levar são capazes de adquirir muitas formas. Aqui está uma delas.

¹ Agradeço à professora Viviane Vedana pela sugestão do termo no momento da minha banca de qualificação. O “trajeto antropológico” é um termo que coube perfeitamente à minha proposta que, na época, encontrava-se ainda em desenvolvimento. Foi seguindo o fio do “trajeto antropológico” que cheguei também a uma noção de “antropologia do imaginário” que agora encontra-se aqui.

CAPÍTULO 1

PRELÚDIOS

1.1 O mundo do samba

O “mundo do samba” é primeiro uma criação feita pelos seus próprios produtores, isto é, ele é, antes de tudo, uma nomeação nativa deste universo, por vezes também chamada de “povo do samba”². A expressão inclui não apenas os “amantes do samba” ou simpatizantes pelo gênero musical mas, via de regra, os agentes que direta ou indiretamente estão articulados à cena do carnaval. O “povo do samba” é algo que gosto de chamar também de “ser carnavalesco”, assim, seu corpo habita o mundo regido pelas lentes do carnaval. Este ser em seu próprio mundo só se compreende enquanto *ser* quando completamente atravessado pelas práticas e memórias que o carnaval marcou em sua história.

O “mundo do samba” engloba um engajamento particular com o carnaval, na verdade, a entidade escola de samba constrói um universo habitado no dia-a-dia, onde o evento visto na avenida torna-se apenas um recorte de sua vida enquanto instituição. Isto pois, para este *ser*, não existe uma data para viver o carnaval, esse é um envolvimento que vai além de adorar uma ou outra escola específica, trata-se de “um conjunto amplo de políticas e práticas relacionadas ao carnaval que vão desde o fim do carnaval até a iminência do próximo desfile” (Silva, 2017, p. 33). Assim, essa mesma designação passa a ser usada por diversos autores como uma categoria de análise para pesquisas sobre o carnaval, tais como Leopoldi (1977), Cavalcanti (1994; 1999), Tramonte (1995), Prass (2004), Silva (2017) e outros.

Nesses três termos (povo, mundo, ser) existe um entrelaçamento de uma relação singular com o carnaval e, conseqüentemente, com o samba. Neste ponto, “samba” é entendido de forma mais abrangente do que apenas um gênero musical; ele abrange todo um universo que instaura práticas e modos de ser, atravessa a percepção da identidade, de pertencimento e afeta a temporalidade de vida³. Guimarães (2011) fala sobre o *mundo do*

² *Mundo e povo do samba* são categorias equivalentes e usadas para descrever o mesmo grupo, são ambos auto-nomeações nativas. Entretanto, *mundo do samba* é a expressão mais usada entre os autores do tema e, portanto, mais trabalhada enquanto um conceito também antropológico.

³ É muito comum que as pessoas se refiram à enredos para narrar acontecimentos de suas vidas ou de outros. Por exemplo, ouvi algumas vezes que o ano que fulano nasceu foi tal enredo da Copa Lord. Ou, no ano de tal enredo

samba como o universo resultante de um processo em que se destacam os aspectos étnico, musical e urbano:

[que] “recobre o conjunto das relações sociais de um grupo considerável de agentes, cuja especificidade reside na valorização coletiva de um gênero musical – o samba – e, conseqüentemente, na sua importância em face da matriz de significados culturais do referido grupo” (p. 13). As escolas de samba seriam o *locus* por excelência dos padrões comunitários envolvidos nesse *mundo*. (Leopoldi *apud* Guimarães, 2011, p. 14)

Além disso, sobre a conceituação desta ideia, Leopoldi (1977) coloca que “o mundo do samba é expressão corrente que circunscreve um conjunto de manifestações sociais e culturais que emergem nos contextos em que o samba predomina como forma de expressão musical, rítmica e coreográfica” (*apud* Leite, 2013, p. 21). Nessa direção, “mundo” refere-se a um campo de experiência em comum, nos quais compartilha-se elementos sociais relacionados ao consumo de carnaval em nível nacional. Aqui, carnaval é o desfile, mas é também utilizado enquanto um universo simbólico que compreende festas, trabalho, espaços, relações afetivas etc.

O “mundo do samba” é feito por pessoas que já compartilham uma sociabilidade de longa data que não se limita à sua escola, mas no contexto amplo que sugere o termo de toda a cena de samba da cidade (SILVA, 2017, p. 33). Isso inclui um circuito de sociabilidade que vai desde os bairros onde as escolas de sambas da cidade estão, suas festas, as ocupações de suas quadras, isto é, a circulação constante por diversos espaços de samba diferentes, até à própria construção de um corpo que é habitado pelo carnaval.

O carnaval e o samba são como veículos que dão sentido à narrativa de vida dos partícipes, tanto por meio de experiência pessoal como coletiva. Quando incorporados na cronologia de suas vidas, por exemplo, como coloca Sonia Maluf, “o sentido de uma experiência só pode existir na duração, na sua incorporação em um itinerário pessoal” (1999, p. 76). Assim, existe um *ethos* delineado pelo carnaval. Há um conjunto de traços e modos que criam uma identidade coletiva pautada pelo samba, enredos e relacionam-se entre si com todo o carnaval nacional.

aconteceu tal coisa. Ou seja, existe uma linha do tempo de acontecimentos que é contada por enredos de carnaval mais que pela cronologia das datas. Do mesmo modo, uma virada de ano é entendida como o fim de um carnaval. Se para nós é comum felicitações de “feliz ano novo!” em janeiro, para o “mundo do samba” ela é feita assim que o feriado de carnaval termina.

Um indicativo que fortemente alicerça este universo, a título de exemplo, são as histórias de trajetória familiar, onde os saberes de carnaval são passados por várias gerações e cujos partícipes são inseridos nas quadras desde muito cedo. A inserção por iniciativa familiar é uma trajetória sempre muito presente. Na pesquisa de Garcia, Costa, e Mendes sobre a X9 Paulistana, é possível retirar um exemplo:

O parentesco com membros antigos na escola de samba, ou mesmo no mundo do samba na cidade, tem um poder de aproximação e produção de respeito extensivo aos familiares. O envolvimento familiar com o mundo do samba apareceu em praticamente todas as narrativas. Muitos dos narradores comentaram que pertencem à X9 porque seus pais ou avós também tiveram envolvimento com o mundo do samba. (Garcia; Costa; Mendes, 2016, p.114)

Mais especificamente, Hilton Pinheiro traz um exemplo dessa inserção na Copa Lord:

As lembranças remetem ao contato familiar como fundamental para este ingresso no Mundo do Samba. Eles citam a família como tendo um papel preponderante para a inicialização, a família catalisa um movimento de iniciação a rede de sociabilidade que as Escolas de Samba dão a continuidade. (Pinheiro, 2014, p 123)

Além disso, habitar o “mundo do samba” não significa percorrer os circuitos das escolas apenas de Florianópolis. Mas há toda uma troca a nível nacional, existe uma relação construída e mantida em um intercâmbio constante de experiências com membros de São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo.

Além disso, o “mundo do samba” também implica em códigos de conduta e conhecimentos específicos que são aprendidos e disseminados nesse contexto.

Nossa arte, tão genuína, não se aprende em academia ou faculdade. É preciso estar inserido no universo de uma agremiação e crescer no solo sagrado de uma escola de samba para ter dimensão da sua importância. Para muita gente, a porta-bandeira é apenas aquela que roda. As pessoas desconhecem todo o processo que há por trás dessa técnica. (Squel Jorgea, 2021)⁴

⁴ Squel Jorgea é uma porta-bandeira ícone do carnaval carioca. Sua vasta carreira engloba a Grande Rio (1999-2012), Mocidade Independente de Padre Miguel (2013), Mangueira (2014-2022). Atualmente, ela ocupa o lugar de primeira porta-bandeira da Portela. Trecho retirado da matéria disponível em:

Outro ponto importante que orienta o “mundo do samba” é o que optei por chamar de batuque. Isso porque ele engloba outros espaços compartilhados, como os terreiros. Como “povo do samba” é uma autodenominação nativa, ela compreende uma sociabilidade ordenada pelas festividades das escolas de samba e, muitas das vezes, estes sujeitos estão articulados também aos terreiros de umbanda e candomblé da Grande Florianópolis. Tanto as escolas quanto os terreiros são os grandes formadores de percussionistas desde a infância e, ainda, são ambos os pontos principais de encontro das histórias que ouvi em campo. Por mais que meu campo tenha sido o do circuito de carnaval, eu muito ouvia falar em histórias de terreiro, espíritos, festas, preparações etc. Assim, esse universo constrói um circuito de sociabilidade que compreende comunidades religiosas de terreiro e sua extensão para as quadras de escolas de samba.

Rufino e Simas ao falarem sobre a macumba como ciência encantada, destacam a *gramática dos tambores* como concepção de mundo, arte e saberes afro-brasileiros. Para eles, “o tambor é a ponte mais sólida entre o terreiro e a avenida” (2018, p. 61). Os lugares de batuques são, sobretudo, os lugares de reafirmar essa conexão cosmológica disruptiva de uma ideologia ocidental, e é por isso que acabam fazendo a ponte com as avenidas e com o “povo do samba”. Além de que, segundo Rufino e Simas, para os ouvidos mais atentos, muitos dos toques de orixás são invocados na avenida, fazendo dela um lugar também de presença do religioso. Há em ambos uma preocupação não apenas calcada na estética sonora, mas em comunicar algo ao seu público, contar uma história ou invocar uma memória ancestral. Nesse sentido, o ato de batucar educa os sujeitos mais que qualquer outra coisa. Por meio dos processos de resgate da história negra, o “mundo do samba” contempla também a religião e uma pedagogia nas periferias da cidade:

Escolas de samba e terreiros eram, em larga medida, extensões de uma mesma coisa que sugerimos no início deste texto: instituições associativas de invenção, construção, dinamização e manutenção de identidades comunitárias, redefinidas no Brasil a partir da fragmentação que a diáspora negreira impôs (Rufino; Simas, 2018, p. 61).

Todavia, além da expansão a que a categoria pode nos levar, gostaria de ressaltar a diferenciação que faz Cavalcanti (1999) entre o mundo “de dentro” e “de fora” das escolas de samba. Essa é uma estratégia importante da proposta dessa dissertação e, é por isso, que escolhi começá-la com uma introdução aos desdobramentos do “mundo do samba”. Segundo a autora, a distinção entre o público “de dentro” e “de fora” é uma forma de compreender a dinâmica cultural do carnaval já que são perspectivas diferentes na forma como as pessoas o vivenciam. Os “de dentro” constroem uma vivência direta e estão profundamente inseridos nas escolas de sambas e em suas comunidades, bem como nas práticas religiosas. Para estas pessoas, o carnaval é uma expressão cultural profundamente enraizada em suas vidas, com significados que vão além da simples festa. Cruzando as argumentações, os “de dentro” são os seres carnavalescos que habitam “o mundo do samba” por completo.

Por outro lado, “de fora” se refere, como pode se supor, à visão externa, muitas vezes turística ou midiática do carnaval. São as percepções e interpretações do carnaval por aqueles que não têm uma conexão direta com a cultura carnavalesca ou periférica local, mas que, de alguma maneira, são envolvidos nos movimentos de midiaticização das escolas no período do feriado. Para estes, o carnaval muitas vezes é associado a uma grande festa e espetáculo, com foco exclusivo nos aspectos referentes aos desfiles. Não há uma imersão na sua produção, nos seus outros espaços e circuitos de samba e/ou religiosos. Para este público, não existe um envolvimento com a dimensão epistemológica e cultural do carnaval. Em contrapartida, o ser “de dentro” é um modo ontológico e, por consequência, identitário, histórico e social do universo de carnaval como universo do próprio sujeito.

A distinção proposta por Maria Laura Cavalcanti é uma maneira de organizar as diferentes camadas de significado e experiência que o carnaval fomenta. Enfatizo que, para compreender completamente o carnaval, é fundamental levar em consideração a perspectiva dos participantes do “mundo do samba”, que estão profundamente enraizados no universo das escolas. Entretanto, a diferenciação se faz importante para compreender o que tento traçar com essa dissertação, isto é, como a escola conquista seu lugar privilegiado com o público “de fora” também. Isto é um ponto substancial neste trabalho, já que aqui me interessa justamente imaginar por que caminhos a escola construiu e conquistou essa sua dimensão exterior com tanto prestígio.

1.2 Minha trajetória com a Embaixada Copa Lord

A minha história com o carnaval é um tanto *outsider*, digo isso porque ela começa de maneira tardia e vai se desdobrando como objeto de interesse acadêmico. E, grifo isso, porque a maioria das histórias que ouvi, conheci e li ao longo do caminho são, muito frequentemente, de relações muito íntimas com o carnaval. O universo de uma escola de samba é constituído destas pessoas cujas histórias de vida são contadas pela cronologia de sambas-enredo, cujas memórias afetivas são construídas na avenida, em quadras e barracões. Bom, eu cheguei ali um tanto deslocada, carente de histórias de carnavais.

Nasci e cresci em uma cidade que com muito orgulho se auto-intitula “germânica”, nenhum traço de carnaval me foi apresentado por lá, a não ser o inevitável desfile televisivo nas grandes redes do qual mais se dizia que era um empecilho do entretenimento do que qualquer outra coisa. Até onde consigo lembrar, qualquer traço de carnaval era combatido por lá, afinal, o intuito de Blumenau sempre foi mais se distanciar do Brasil e se aproximar da Alemanha.⁵ De qualquer maneira, desde que cheguei em 2014 em Florianópolis, o nome da Embaixada Copa Lord tinha força no cenário da cidade, seja para evidenciá-la como parte da história da cidade ou do carnaval.

Comecei a conhecer a cena de carnaval das escolas de sambas de Florianópolis em 2016. Foi em um ensaio na Praça XV que vi a Dascuia, outra escola da cidade, e ouvi uma bateria de perto pela primeira vez. Estive em muitos outros ensaios abertos que comumente acontecem no período de carnaval, mas foi adentrando outros eventos e espaços que extrapolavam apenas o feriado de carnaval que comecei a ouvir a expressão “mundo do samba” ou “povo do samba”. Esse é um ponto importante para se frisar, conforme você vai habitando esses espaços, vai entendendo essa complexa relação entre o carnaval e essas pessoas. Como vimos, essa é uma característica das escolas de sambas *per se*, elas se constituem dentro de um universo cultural e simbólico que é totalmente regido por uma vida ligada ao carnaval.

Em agosto de 2018 comecei minha pesquisa de campo com a Sociedade Recreativa Cultural e Samba Embaixada Copa Lord. Primeiro, adentrei a ala de tamborins. Em seguida,

⁵ Por mais críticas que eu tenha ao identitarismo teuto-brasileiro de minha cidade natal, outros autores o fizeram de maneira muito mais elaborada. Achei melhor mencioná-los aqui para que não pareça apenas um ranço. Para tanto, cf. FROTSCHER (2003; 2007), GOMES (2021), SEYFERTH (1981; 2007).

em janeiro de 2019, adentrei também o ateliê/barracão de fantasias. Tanto na bateria quanto no ateliê eu era pesquisadora, mas, sobretudo, uma mão de obra voluntária. Minha observação participante para o TCC da graduação em Antropologia foi dedicada a uma rotina intensa e imersa nas atividades da escola. De agosto a janeiro, os ensaios acontecem 1x na semana. De janeiro ao carnaval, os ensaios acontecem 3x na semana e, simultaneamente, o ateliê trabalha em três turnos diariamente. Eu passava os dias inteiros no ateliê e, nos dias de ensaios, saía a tempo de chegar aos ensaios⁶. Ainda, no meio de tudo isso, havia as festas nos fim de semana. A dedicação de janeiro ao carnaval, era diária das 10h às 23h. Assim, sob o mesmo ritmo, fiz meu trabalho de campo pelo ateliê e bateria nos anos de 2019 e 2020. E desfilei na ala de tamborim pela bateria da escola nestes mesmos anos.

Mantenho o *outsider* para me referir à minha presença na escola porque, mesmo imersa em uma rotina de campo exaustiva de ensaios de bateria, dia-a-dia de barracão e festas, esse é um universo construído por um público historicamente nascido e criado entre enredos, onde eu era uma completa estrangeira em todos os espaços. Eu não pertencia a nenhuma instância do “mundo do samba” embora estivesse dedicada a ele. Pelos ambientes do carnaval, o contato é quase sempre construído desde a infância, passando por diversas alas. Não havia como fugir, o meu histórico e o meu corpo eram marcados pela diferença, isso obviamente atravessava a minha cor branca, mas não só. Há pessoas brancas pela bateria ou no barracão, mesmo que sua quantidade seja significativamente menor. Entretanto, eu era uma estrangeira, branca, não vinha de nenhuma outra escola, não era parente de ninguém que já atuava na escola, não era moradora do Morro da Caixa, não conhecia ninguém do mundo do samba até então e, por isso, os olhares recebidos me soavam como uma pergunta: como eu fui parar ali?

Como vimos antes, o “mundo do samba” coordena muitas relações das quais eu, na época, não fazia parte. Além disso, um estrangeiro sempre ecoa sua diferença no ambiente, mesmo que eu tivesse deixado claras minhas intenções de pesquisa ao mestre e diretores, eu fazia um campo em meio ao desconforto, sobretudo, na bateria. Se havia algo que autorizava (ou amenizava) a dissonância da minha presença ali era o argumento de que eu entrava na Copa Lord como quem entra literalmente em uma escola.

⁶ De agosto a janeiro, os ensaios semanais acontecem na quadra da escola no Morro da Caixa. Assim que a confecção no ateliê começa, a quadra dá lugar a produção e, portanto, os ensaios passam a ser em uma arena montada próxima à Praça XV, chamada Arena Copa Lord. Estes agora são ensaios públicos divididos entre ensaios da bateria e ensaios geral da escola. Esses ensaios que acabam por se tornar eventos no Centro de Florianópolis serão mencionados novamente no Capítulo 4 desta dissertação.

O título *escola de samba* tem, obviamente, seu peso - aponta Fenerick (2002) que o termo vem da fundação da Deixa Falar⁷ por ter sido fundada pelos sambistas considerados professores do samba. O bamba como ícone do samba, nos conta o autor, deriva do quimbundo *mbamba*, literalmente mestre ou professor. De fato, a escola de samba é uma instituição de ensino e de socialização. Ela reúne saberes e conhecimentos que são passados por gerações. Saberes musicais, de confecção, de marcenaria, de artes manuais, de dança, estéticos, éticos e morais, de História etc. Existe um corpo de conhecimento vasto no “mundo do samba”. E, tal qual, uma escola, tudo se aprende desde muito cedo. Essa era mais uma falta minha, eu era como uma aluna tardia.

Ainda assim, isso não diminuía o peso de ter que se provar digno das “aulas”. O mesmo tipo de experiência é descrita por Luciana Prass, em sua entrada na bateria dos Bambas da Orgia (Porto Alegre, RS): “É preciso muito trabalho e muito esforço para “provar” que pode tocar. (...) Além do exercício de tocar, propriamente dito, é preciso ter “nervos” para aguentar a pressão psicológica do mestre e mesmo a dor e o esforço físico” (PRASS, 2004, p. 105). É necessário passar pelo teste para ir conquistando a credibilidade do mestre, diretores e já iniciados. A pressão psicológica na bateria é sempre presente e vai aumentando conforme o carnaval se aproxima. São longas e frequentes as puxadas de orelha sobre a disciplina dos ritmistas. Em muitos momentos, nos ensaios de bateria ecoa algum puxão de orelha do mestre pelo comprometimento e assiduidade nos ensaios dos mais jovens. A frase mais escolhida é um enérgico “aqui é Copa Lord!”. O “aqui é Copa Lord” é usado para transmitir a ideia de que não são permitidos comportamentos de desrespeito às regras ou falta de disciplina.

Enfim, foi focada na ideia de que o “carnaval não designa, portanto, a festa simplesmente, mas todo o processo que nela desemboca” (Cavalcanti, 1999, p. 12) que eu quis registrar todo o cotidiano de intenso trabalho que dá colocar uma escola na avenida. Foi nesse sentido que busquei na minha monografia do TCC intitulada “*Mãos na quadra, pés na avenida: trabalho e tempo no processo de confecção do carnaval na escola de samba Embaixada Copa Lord*” (2019) tentar entender o que significava o carnaval entre os copalordenses para além do feriado ou o desfile, como um processo que para os integrantes de uma escola de samba confecciona sua própria temporalidade neste mundo. Baseado nas relações de trabalho e envolvimento há a construção de uma temporalidade singular e que,

⁷ Deixa Falar foi um embrião das escolas de samba no Rio de Janeiro. Apesar de ser apontada como a provável primeira escola de samba, Fenerick afirma que ela, na verdade, tratava-se de um bloco carnavalesco criado em agosto de 1928, no bairro carioca do Estácio de Sá. (2002, p. 107).

além disso, se alimenta o ano inteiro, tornando “o intervalo de um ano entre o carnaval e outro um tempo culturalmente pleno e cheio de sentido” (Cavalcanti, 1999, p. 81). Portanto, o carnaval e a escola de samba se perfazem nessa possibilidade de construir mundos no Mundo, seja o “mundo do samba”, ou seja em seus enredos.

Hoje em dia, revisitando essas experiências, eu prefiro acreditar que eu não sou nem de lá, nem de cá, esse lugar liminal que nos falou Turner (1967). Obviamente, essa é uma visão que eu tenho de mim mesma, para os partícipes eu era uma completa estranha e deslocada, que rompia alguma paisagem, incomodava pela grande dificuldade de aprender os desenhos de tamborim, não conseguia vencer algumas barreiras de entrosamento. No mito fundador da Antropologia, eu era uma errante. No *mundo do samba* eu estava à deriva, mas sempre estava. Ia para todos os cantos, ia para todas as festas, me metia nos porões da quadra, me sentava à mesa do barracão, jogava meu corpo estranho nesse mundo.

E, agora, porquê imagino eu que poderia ser também uma partícipe? Porque não queria desmerecer tudo que aprendi com o *mundo do samba* nesses anos. Estar intensivamente dentro de uma rotina de escola de samba gera um trabalho absurdo, é uma experiência grande. Este é talvez um dos vários dissensos deste mundo: a escola de samba ensina, mas ela também exige muito. Já são alguns poucos anos inserida nesse mundo e muitas histórias ouvidas, muitos aprendizados acumulados me fizeram ver o carnaval com outros olhos. Ousadamente digo que, com olhos “de dentro” mesmo sendo “de fora”.

Apesar disso, essa é uma dissertação que não está tão inclinada em adentrar e esmiuçar esse mundo particular do samba por uma perspectiva nativa. Embora a noção de que existe um mundo especificamente regido pelo carnaval seja ainda importante aqui e por isso veio como abertura deste trabalho. Não à toa, eu considero relevante refazer minha trajetória por este mundo. O que gostaria de chamar atenção aqui é para algumas relações que atravessam a escola Copa Lord enquanto entidade. Sobretudo, como essas relações superam as fronteiras do “mundo do samba” e criam um imaginário sobre a escola. A minha trajetória é importante porque agora me permite retornar a mim mesma a pergunta: por que escolhi parar ali? Eu havia desde o princípio cogitado e conhecido outras duas grandes escolas, a Protegidos da Princesa e a Consulado. Poderia dizer que morar muito próxima à Copa Lord (na Avenida Hercílio Luz, mais precisamente) teria sido a resposta, mas isso seria apenas uma parte dela. Existia algo a mais que me fazia querer estar ali.

O apelido de “mais querida” é utilizado dentro e fora do *mundo do samba* como referência à Embaixada Copa Lord e, apesar de todas as escolas do grupo especial terem seu

próprio bordão, esse é, possivelmente, o de maior destaque dentro da cidade, ao mesmo tempo que é também o que sugere uma soberania da escola dentro do carnaval. Mesmo que a escola não seja a mais antiga, ou ainda, a com mais títulos, ela se constitui como a mais relevante, no sentido de ser a mais proeminente nas abordagens do carnaval feitas na cidade. Massivamente explorada quando o assunto é o carnaval da ilha. Se o apelido é posterior, de alguma maneira, ele deve carregar meios que o justifiquem, o que coloca a escola em uma posição privilegiada dentro das práticas e políticas que compõem as atividades de carnaval e dentro da imagem que a própria cidade escolhe circular sobre seus festejos de carnaval.

Entende-se aqui que as escolas performam uma disputa com conflitos e tensões sobre as narrativas de autenticidade e tradicionalismo que fabricam para si, assim, essa dissertação se pergunta como o título de “mais querida” tensiona a relação entre a Copa Lord, as outras escolas e o público de Florianópolis. Por que meios este título se constrói e é perpetuado? Que sentidos e elementos ele carrega? E, sobretudo, que implicações isso traz na relação entre a Embaixada Copa Lord e a cidade de Florianópolis? Essas questões lançam o olhar sobre que modos de afetação arquitetam os discursos sobre carnaval, tradição e território na relação entre o morro e a cidade.

Dito isso, o território, tanto dos pontos principais do Centro de Florianópolis, como do Morro da Caixa foram terrenos que pisei, subi e descí inúmeras vezes fazendo trabalho de campo. Foram muitas as andanças que me fizeram observar como, em maior ou menor evidência, as figuras do carnaval e as figuras do Morro habitam os espaços do centro da cidade. Como o carnaval é produzido nas mãos e pés que sobem e descem as vielas da Rua General Vieira da Rosa, onde se encontra a quadra da escola. Trago todo esse caminho porque foram por trechos dele que caminhei para poder dizer que esse trabalho parte então de um lugar um tanto inverso, isto é, ele não tem interesse em relativizar a hierarquia da escola na cena do carnaval de Florianópolis. Pois alguma imersão nesse mundo nos faz entender que algumas coisas já estão dadas, nos resta apenas tentar entendê-las.

Não existe um caminho linear de como a história da escola ascende no cenário da capital, ela foi feita (e segue seu curso) com vários fios de acontecimentos, olhares e possibilidades que foram se sobrepondo ao longo dos anos. Sendo assim, esse trabalho, mais que tudo, é como uma rede dos modos em que a Copa Lord se constrói e é construída pela sua comunidade mais próxima e pelas dinâmicas da cidade. Como nos disse Certeau, esta é a paisagem de uma pesquisa e “o caminhar de uma análise inscreve seus passos, regulares ou ziguezagueantes, em cima de um terreno habitado há muito tempo” (2014, p.35).

Mas uma entrega acadêmica exige que partamos de algum lugar. Eu tive algumas dúvidas sobre por onde começar esse trabalho. Escolhi começar pelo “mundo do samba” para, mais pra frente, me permitir me afastar dele. Como administrar os muitos caminhos que percorri com os pés e entre as ideias para confeccionar esta pesquisa? Se meu objeto era a escola de samba, não deveria primeiro apresentá-la?

Neste trajeto entendi que seria impossível isolá-la como objeto, porém, certa obediência cronológica aqui me parecia ser importante: só há escola porque há, primeiro, o seu território. Se há um lugar onde esse emaranhado começa é no concreto: do concreto que cimenta um novo projeto urbano, na concretude do higienismo social que (re)modelou a paisagem do Centro de Florianópolis. Alguns fios partem daí, mas antes, deixe-me amarrar alguns outros.

1.3 A escola de samba e a territorialidade

Os terrenos sob os quais as escolas estão fincadas são a parte mais importante de suas histórias. A territorialidade é um conceito importante na relação entre as escolas de samba e as comunidades em que elas estão inseridas, já que geralmente surgem em áreas periféricas, e são fortemente ligadas às suas comunidades. Elas desempenham um papel importante na afirmação da identidade cultural e na valorização da história e tradições dessas comunidades.

A territorialidade também é refletida na forma como as escolas de samba são organizadas e administradas. Elas geralmente são lideradas por líderes comunitários e são financiadas por meio de doações de moradores e empresas locais. Isso cria uma relação de reciprocidade entre a escola de samba e sua comunidade, em que ambas se beneficiam mutuamente. O fato de serem instituições comunitárias faz com que grande parte de sua identidade seja seu vínculo ao próprio território, o que as torna tão políticas quanto recreativas. Além disso, as escolas de samba são frequentemente vistas como representações da comunidade e são fortemente ligadas ao carnaval, que é um evento que tem grande importância cultural e social no Brasil. Durante o carnaval, as escolas de samba desfilam pelas ruas, exibindo seus símbolos e histórias, o que ajuda também a afirmar a identidade territorial de suas comunidades.

Para Goldwasser (1975), a territorialidade é uma questão importante para as escolas de samba, ela não é só um espaço geográfico mas, também, em uma espécie de território

simbólico que elege um lugar para ancorar suas organizações sociais e seus códigos. Embora a autora esteja trabalhando nessa pesquisa com a Estação Primeira de Mangueira, a questão do território é marcante em todas as escolas de samba, visto que incorpora parte crucial da identidade das escolas e é constantemente enunciada em seus sambas ou jargões, reverenciada em seus enredos. Não à toa inúmeras vezes os lugares são a referência dos próprios nomes das escolas. A Salgueiro do Morro do Salgueiro, a Mangueira do Morro da Mangueira, a Unidos da Tijuca da Tijuca, a Mocidade Independente de Padre Miguel do bairro de Padre Miguel etc. A reverência ao local de origem é parte importante da identidade de uma escola.

O processo de construção musical e plástico de um desfile é atravessado pela produção comunitária, mas não só. Importante dizer que não é o meu intuito evidenciar apenas uma característica romântica das escolas de samba e suas comunidades. Embora elas sejam lugares de reforço da identidade, cultura e sociabilidade periférica, o que as tornam lugares de resistência e catalisadores de potências criativas, são também carregadas de conflitos internos, externos, desavenças e controvérsias. Um deles diz respeito justamente ao envolvimento de sua comunidade no trabalho *versus* a lógica mercadológica que tem tomado os carnavais, isto é, a dos trabalhos remunerados e contratações na produção do carnaval.

Nesse sentido, o carnaval é também um terreno de disputas políticas, conflitos e contradições. Se nos discursos oficiais há um certo romantismo nas afirmações da relação entre território e escola, conjuntamente com o discurso de um passado idealizado do carnaval, na prática eles entram em conflito no meio das complexas relações que emergem nas suas comunidades. Isto é, desavenças entre membros da escola e diretoria, intrigas em relação aos lugares de destaque na escola, reclamações sobre quem é mais ou menos presente no dia-a-dia da construção do carnaval, possíveis irregularidades no corpo administrativo, questões financeiras, discordâncias sobre enredo etc. Reforço isso, pois a ideia do “comunitário” atribuída ao carnaval, especialmente midiática, é sempre atrelada à uma lógica idílica e descolada da complexidade que uma instituição certamente tem no seu dia-a-dia.

As controvérsias e conflitos são reservados aos ambientes privados ao mundo samba, assim, não emergem em páginas ou pronunciamentos oficiais da escola e quase nunca envolvem a agremiação enquanto instituição. No carnaval de Florianópolis, por exemplo, qualquer rompimento com a escola vem em forma de nota oficial veiculada nas redes sociais e, sempre na tentativa de separar trajetórias pessoais da agremiação enquanto instituição. Toda saída sempre gera uma nota de desligamento que carrega palavras de respeito à escola, colocando-a acima de qualquer indivíduo. Mesmo que as condições da saída sejam

conflituosas há sempre um cuidado em separar acusações e alfinetadas à diretoria da escola enquanto entidade. A escola é sempre uma instituição intocável em qualquer discurso, quase canônica.

Figura 1: Notas de desligamento e notas oficiais da Embaixada Copa Lord.

 <p>Arrasta Copa Lord!!! "Se quisermos progredir, não devemos repetir a história, mas fazer uma história nova." Nestes 4 anos, nós construímos um elo muito forte, pois tudo que propus foi com sentimento, com verdade e com amor. Fiz além daquilo que viera ser contratado, porque a Embaixada sempre foi e sempre será a "Embaixada do meu coração". Desde a minha volta como intérprete, tive uma receptividade ótima pela comunidade, na qual me abraçou e juntos fizemos acontecer muitas coisas boas e aprendizados também. Jamais imaginaria que seria tão bom estar com vocês. Porém, não sabia que também seria tão breve.</p> <p>Costumo dizer que as pessoas se vão e o pavilhão sempre será o mais importante, ninguém é insubstituível e temos sempre que buscar melhorar, buscar o nosso melhor e principalmente nos sentir feliz... Com isso, encerro aqui uma trajetória pequena, mas de muito valor para mim e tenho certeza que para muitos copalordenses também. Deixo um até logo para a comunidade do Morro da Caixa e à todos os seus simpatizantes. Boa sorte aos segmentos que continuam e continuarão nessa batalha, obrigado pela confiança e pela parceria.</p>	 <p>Bom dia!!!</p> <p>Hoje estou aqui para informar que não estou mais à frente da Bateria da Embaixada Copa Lord. Trata-se de uma decisão pessoal que nada tem a ver com questões eleitorais ocorridas na Escola, muito pelo contrário, a atual gestão me deixou super a vontade manifestando querer que eu permanecesse na Escola, porém hoje acho que preciso de um tempo afastado das funções como Mestre de Bateria.</p> <p>Agradeço aos Orixás e a Ifá por me manterem de pé não me deixando sucumbir.</p> <p>A minha família, que sempre esteve ao meu lado, sorriu e chorou comigo em todos os momentos e me apoiou em todas as decisões. Amo vocês!</p> <p>A Velha Guarda que sempre me tratou muito bem, a qual tenho o mais profundo respeito e admiração.</p> <p>A todos aqueles que fizeram parte da equipe de trabalho: Diretores de Bateria que sempre estiveram ao meu lado (já agradeço internamente), Apoios de Bateria, Apoiadores, Rainhas de Bateria, todos os segmentos da Escola: Muito obrigado pela parceria e por entenderem a filosofia de trabalho. "Paulo Ricardo</p>
 <p>embaixadacopalord NOTA OFICIAL</p> <p>A Embaixada Copa Lord comunica o desligamento da porta-bandeira Ana Carolina Conceição de seus quadros. Tal decisão se deve a um conjunto de ações que, devidamente analisadas, foram consideradas incompatíveis com a liturgia do cargo. Salientamos nosso compromisso inabalável por honrar os esforços de nossas direções, coordenações e colaboradores para a construção de um ambiente organizacional ético, colocando o pavilhão acima de todos nós. Deixamos nossos agradecimentos à profissional pelos serviços prestados à agremiação e desejamos sucesso em sua caminhada. Em breve, a nova composição do quesito será anunciada pela agremiação.</p>	 <p>embaixadacopalord É com o peito carregado de gratidão, e já cheio de saudades, que anunciamos que Renata Rosângela não continuará a frente da bateria Guerreira. Assim como a vida, o carnaval é feito de ciclos, e ciclos se renovam o tempo todo.</p> <p>A Embaixada Copa Lord agradece pela dedicação ao nosso pavilhão, nessa relação de amor que inspirou muitas meninas ao longo de todos esses anos. Renata deixou seu legado não só em nossa escola, mas no carnaval de Florianópolis.</p> <p>Não é um adeus, é um até breve. Hoje, há um oceano imenso que nos separa, mas as portas da Mais Querida estarão sempre abertas para que juntos ainda possamos celebrar muitos momentos de glória!</p>

Fonte: Composição da autora com notas publicadas no Instagram em 2021 e 2022.

Entretanto, o discurso oficial tem uma intenção. É uma estratégia política de afirmar o lado positivo dos morros, em contraposição a discursos que negativam espaços periféricos. Nesse sentido, o idílico é um lugar que é reiterado na avenida e no discurso oficial, afinal, a escola precisa se apresentar como um todo conciso e alinhado ao seu território. Escola e território são uma única coisa, unificada, em harmonia. Assim, a escola é uma entidade

superior a qualquer trajetória pessoal, existe uma sacralidade que a conduz. Mesmo que as notas de desligamento quase sempre apareçam em momentos de trocas de diretorias, mantém-se um discurso unificador em prol da escola como algo que deve ser sempre respeitado e cuja reputação deve ser mantida. Um discurso unificador é também um discurso que não impede que conflitos e controvérsias escapem para o grande público. Afinal, a sacralidade e reputação da escola é também a de sua comunidade. Não existe uma sem a outra.

É nesse sentido que um desfile na avenida é uma apresentação também de uma comunidade. A comunidade participa e constrói o desfile de sua escola, a coloca na avenida e também assiste sua apresentação da arquibancada. Na Copa Lord, em qualquer que seja o evento, antes de explodir a bateria, o intérprete pergunta a plenos pulmões ao público “E nós viemos da onde? E nós viemos da onde? Diretamente do Morro da Caixa!”. Este lugar de origem é sempre fortemente demarcado independente da escola analisada.

Além de uma questão identitária para as escolas, essa territorialidade marcada se deve ao fato de que escolas de samba operam como instituições políticas, atuando como agentes importantes de diálogo entre povo e poder público. São instituições políticas pois têm uma forte presença nas comunidades de origem e são consideradas como espaços de participação social e porta-vozes para as reivindicações dos moradores. Enquanto organização ela possui uma estrutura e uma visibilidade capazes de desempenhar um papel significativo no cenário social dos seus territórios. Com iniciativas sociais dentro da própria escola, no caso da Copa Lord, há a escolinha de mestre-sala e porta-bandeira para crianças, projetos de orientação e formação de jovens para o mercado de trabalho, campanhas específicas nos dias das crianças e natal. Ou ainda, a quadra vira um lugar de encontro comunitário mesmo que outras ações sejam não diretamente envolvidas com a diretoria da escola.

É por esse motivo que pautar o território é tão importante nesta dissertação, pois esse é um elemento essencial na trajetória das escolas e um terreno que simbolicamente organiza-os enquanto grupo. Mesmo que não limite geograficamente quem o integra, há uma noção de comunidade que é atravessada pelo lugar como campo político. Isso porque território é uma designação que pressupõe a política das relações no espaço da cidade, ele pressupõe a existência de fronteiras que, mais que geográficas, são delimitações políticas (Elden, 2016).

Não à toa a territorialidade torna-se uma questão importante para as escolas de samba, primeiro por operarem em contextos periféricos e segundo por reivindicarem uma modalidade cultural particularmente negra, as duas particularidades de uma escola de samba operando complementarmente como uma estratégia política de classe periférica. Sendo assim,

há este ato de reivindicar o lugar como um campo positivo de produção do conhecimento, esta é também uma estratégia de sobrevivência tanto das escolas quanto dos lugares, visto que as estratégias de destruição estatais destes lugares passam pela anulação de sua humanidade e, portanto, direitos básicos.

Assim, escolas de samba são o levante que assegura essa produção, uma modalidade que por reivindicar sua condição de cultura periférica como estratégia política, ressignifica o caráter pejorativo que lhe é atribuído. Ser de um morro torna-se não só a catalogação das escolas, mas motivo de orgulho e veículo de propaganda da arte que este lugar é capaz de produzir. Para o contexto do qual se tipificam os morros como o lugar da escassez, do abandono e da produção de marginalidade, a escola de samba surge como uma organização, um centro cultural, uma orquestra, uma produção de arte e cenografia e, talvez, o mais simbólico de todos, como um centro de pesquisa e educação regido não pelas políticas do Estado e seu modelo tradicional de educação, mas como um modo próprio de construção do conhecimento.

Para o geógrafo Milton Santos, isso é o que ele chama de *psicosfera*, cujo mapa não é capaz de traduzir. A *psicosfera* é um “reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido (...), fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário” (Santos, 1999, p. 204). Ela é a potencialidade simbólica do lugar, eu diria que é o que faz do território uma comunidade. Esse campo simbólico é o que une o Morro da Caixa e a Copa Lord, por exemplo. Nesse sentido, não existe Copa Lord sem o Morro da Caixa, e vice-versa. Para os moradores e integrantes essas são as características que entrelaçam suas histórias pessoais às histórias do lugar. Antes disso, a própria história do lugar só ganha sentido se contada por meio da participação das pessoas na sua construção.

Os discursos das escolas são recheados de menções apaixonadas aos seus territórios de origem, uma vez que são ancorados à pauta política de tornar territórios de “exclusão” lugares positivados pelo discurso nativo. Assim, a noção de *psicosfera* define como esferas da subjetividade, dos sentimentos, das representações e memórias podem se sobrepor e interagir com a esfera objetiva dos fatos e dos processos territoriais. Logo, o discurso das escolas de samba é tão atrelado aos seus territórios para potencializar a produção humana envolvida tanto em um desfile, quanto na história de uma periferia.

Em outras palavras, Santos enfatiza que a *psicosfera* é uma dimensão de como as pessoas constroem suas representações do mundo e dos lugares, e onde os sentimentos, as crenças e as atitudes se relacionam com o espaço físico. Além disso, destaca que a *psicosfera*

é uma dimensão importante na compreensão das desigualdades sociais e territoriais, afinal as desigualdades econômicas e políticas são refletidas e reproduzidas na psicosfera, e que as diferenças culturais e simbólicas entre os lugares contribuem para a construção de hierarquias e desigualdades territoriais.

Nessa relação, existe o zelo por uma memória coletiva tanto sobre a escola, quanto sobre o território que produz uma singularidade para além do conceito do tipo de terreno. Para Zilmar Agostinho, “podemos inferir que as identidades, ou territorialidades, surgidas em torno das agremiações tornaram-se possíveis porque estas foram capazes de tornar coletivas as memórias dos grupos” (2014, p. 108). As escolas de samba produzem uma certa visibilidade positiva para os morros, chamam atenção para a produção artística vinda da periferia, no mesmo movimento que a inserem como parte integrante do espaço urbano.

Dito isso, essa é uma relação de dois elementos praticamente inseparáveis. É por esse motivo que reúno aqui uma análise que vincula discursos de território e discursos sobre a escola de samba simultaneamente. Considero que são dois pontos complementares para entender as estratégias das escolas dentro ou fora da avenida. Mesmo que o título de “mais querida” possa parecer algo estritamente relacionado à escola a grosso modo, ele envolve elementos que perpassam uma simbologia do Morro da Caixa também. Ao menos, essa é a proposta que me guia nesta dissertação. A de quem existe uma camada simbólica sobre o território do Morro da Caixa tanto quanto sobre a Embaixada Copa Lord.

1.4 Uma antropologia do imaginário

Como já pontuada, a minha intenção com essa pesquisa é atar alguns nós com vários fios que fui coletando em meu contato com o “mundo do samba”. Consequentemente, essa inserção também me guiou a olhar para outros aspectos vinculados ao carnaval e as suas comunidades, para além de sambas e enredos. Após esses anos de contato, tornou-se evidente para mim que a soberania da Copa Lord no carnaval da ilha já é algo perceptível. Restava imaginar com que caminhos isso se deu. Quando na minha qualificação eu já articulava algumas informações para essa finalidade, a sugestão de “trajeto antropológico” foi extremamente pertinente e me abriu também para outras possibilidades de articulação com as histórias da escola.

Quando entrei em contato com a ideia de “trajeto antropológico” conheci também uma noção de “antropologia do imaginário”. Era afinal sobre um imaginário construído sobre a escola que eu me voltava. Aqui segue uma breve exposição sobre essa teoria, a fim de alicerçar alguns caminhos que faço dentro desta proposta. Antes, é importante salientar que o imaginário não é exatamente um conceito, pois não é de uma ordem restritiva. Ele é mais de ordem especulativa, é como um leque de possibilidades, é uma possibilidade para analisar a simbologia de narrativas e, sobretudo, imagens. Mas aceita outros agregados. Assim, como a proposta desta dissertação.

Conforme descrito por Araújo e Almeida (2018), o imaginário é uma intrincada trama de sentimentos e representações que possibilita a análise de significados e a criação de sentido. Isto é, o imaginário firma sua teoria sobre a construção de uma imaginação simbólica, sobre isso aponta Fernanda Budag:

Nessa perspectiva, nos constituímos como sujeitos em uma realidade compreendida como a articulação entre as esferas do Real, do Simbólico e do Imaginário. Nesse contexto, o Real (com “r” maiúsculo) é uma massa amorfa, enquanto o Simbólico seria a esfera que coloca as coisas desordenadas dessa massa amorfa em nosso entendimento, organizando-as. A ordem simbólica compreende então uma espécie de malha jogada em cima do pano de fundo que é o Real (que, a rigor, existe para dar sustentação à ordem simbólica). A ordem simbólica vai, assim, “amarrando nós”, ou seja, produzindo sentidos. E aí já estamos na ordem do Imaginário; é essa a realidade na qual nos locomovemos.

A mídia em geral e as narrativas audiovisuais em particular – apenas para focarmos no produto objeto de nosso estudo – promovem imagens que interiorizamos; correspondendo a fontes privilegiadas para a construção de imaginários. [...] Em outros termos, imaginário é um enquadramento a partir dos quais entendemos as coisas do mundo. (Budag, 2016, p. 197)

Isto é, a trama do imaginário é algo constituído em sobreposição à realidade, mas não só isso. O imaginário não apenas está intrinsecamente ligado à realidade, mas também desempenha um papel fundamental na sua construção. Nesse sentido, uma narrativa do imaginário produz realidade em alguma medida. Ele é uma estrutura teórica capaz de interpretar as manifestações simbólicas que surgem em nosso cotidiano. E, esse ordenamento é constituído por modos de afetação. Somos afetados por coisas a todo momento e interiorizamos coisas a todo momento, é nesse movimento que o imaginário se constitui.

São causos, memórias, lembranças afetivas que constroem imagens, confeccionam novas lembranças. A criação destes símbolos é uma atividade fundamentalmente humana, por meio da qual construímos nosso próprio mundo e o expressamos. Basta que pequenos recortes

de realidade se juntem para moldar uma realidade nova no campo do imaginário. Nesse mesmo sentido, pode-se dizer que há aqui uma tensão entre esse real e esse imaginário, entretanto, ela não pode ser dissolvida, pois é na própria fricção que se dá o processo narrativo dentro do “trajeto antropológico”. Quero dizer, situações reais são também potencialmente lugares para a atividade imaginativa, para uma expectativa, para uma confecção narrativa etc. Intensificamos um recorte de realidade dentro das nossas tramas de memórias, este é o nosso trajeto.

Nada mais fácil do que pensar o imaginário como um álbum de fotografias de família ou como o álbum de uma vida individual com suas diferentes etapas, utopias, expectativas, realizações, rituais, conquistas e passagens. Instagram e Facebook são dois gigantescos álbuns do imaginário atual. Nessa perspectiva, imaginário é tudo aquilo, positivo ou negativo, que a memória afetiva recorta e armazena. Normalmente o imaginário se apresenta como um compartilhamento, um imaginário social. No caso da memória afetiva, impõe-se o singular, o particular, a seleção involuntária pessoal, embora esse recorte se dê na intersecção com outros, na relação com um mundo, uma cultura, uma convivência ou, até mesmo, uma dificuldade de interação. Como se dá essa seleção de imagens? Difícil dizer do ponto de vista antropológico. Talvez nem importe. O que interessa é saber que imagens foram retidas. (Machado da Silva, 2020, p. 12)

Aqui neste trabalho, habitam recortes sobre a Copa Lord que podem talvez ser o que a colocou no lugar de “mais querida”. Pois, segundo Machado da Silva (2020), uma antropologia do imaginário, coloca-se fora de qualquer formatação de verdade factual, ela é na verdade uma ficção compartilhada, um lugar de memória afetiva.

Criado por Gilbert Durand, um “trajeto antropológico” é parte da criação desse imaginário, e expressa a interação constante dos sujeitos entre a esfera subjetiva e as influências de uma esfera objetiva provenientes do seu contexto social. Essa dinâmica estabelece uma trama de fios que se conectam com os aspectos biopsíquicos e socioculturais. O trajeto é a base da produção humana sobre si e sobre o outro. Nesse sentido, encontra-se ao longo desta dissertação o meu trajeto no meio destas histórias onde imbricam-se escola de samba, território, eu como um outro nessa escola e nesse território, os partícipes etc. Cada personagem ou parte desta trama faz parte de um percurso próprio que se dá nesta proposta. Logo, faço meu próprio trajeto dentro do trajeto das histórias da Copa Lord, há aqui uma justaposição.

Outro ponto importante é que, na ideia de antropologia do imaginário, existe a centralidade de uma “atmosfera”. Segundo Maffesoli, “por imaginário, nessa linha, entende-se o ambiente em que algo está mergulhado, o que produz uma atmosfera, gera uma aura [...] Trata-se da descrição de um emaranhado de traços (Maffesoli *apud* Machado da Silva, 2020, p. 9). Isto é, a essa atmosfera/aura é a reafirmação de que uma antropologia do imaginário é de ordem especulativa. Uma “aura” ou “atmosfera” são termos que geralmente se referem a qualidades ou sensações que cercam um lugar, pessoa, objeto ou evento, mas não se limitam apenas ao sentido literal, são abstratos. Afinal, descrevem uma relação emocional, psicológica ou perceptiva de algo.

Considero esse o lugar do bordão “mais querida”, ele é também uma atmosfera sobre a escola. Que, como já mencionei, é possível notar em campo, mas é impossível tatear sua origem de maneira factual. O meu fio condutor aqui é o de reunir possibilidades, um possível álbum de imagens retidas. Que, nesse caso, como vimos no tópico anterior, muitas vezes são como álbuns sobrepostos entre escola e território. Entraremos agora nos recortes do território. Cada tópico daqui para frente é um emaranhado de traços nessa relação entre Embaixada Copa Lord e territorialidade. Mas, sobretudo, é um encadeamento de imagens retidas sobre ambos.

CAPÍTULO 2

O TERRITÓRIO

O Maciço do Morro da Cruz é um terreno importante para essa pesquisa devido a sua dupla relevância, tanto na história da cidade quanto na história do carnaval. Deste lugar nascem as primeiras escolas de samba de Florianópolis, com “a mesma origem social das escolas de samba cariocas: os negros pobres moradores dos morros” (TRAMONTE, 1996, p. 96). Entretanto, complexas relações derivam deste território. O meu intuito é demonstrar ao longo das próximas páginas que a trajetória da Copa Lord até o lugar que ocupa hoje é feita de muitas nuances. Assim, esse segundo capítulo traz uma visão vertical da cidade, olho para o Maciço do Morro da Cruz, me aproximo do Centro de Florianópolis e, chegando mais perto, estamos diante do Morro da Caixa ou Monte Serrat. Estes são três pontos do mapa que aterram esta pesquisa e sustentam as histórias da Copa Lord.

2.1 O Maciço do Morro da Cruz: como se constrói uma periferia

A formação dos morros e periferias no Brasil está relacionada ao processo de urbanização e concentração populacional nas grandes cidades. Eles surgiram com a necessidade de moradia para a população migrada das regiões interioranas para os centros urbanos, muitas vezes com baixa renda e condições precárias de vida, e com as subsequentes remoções dessas populações por processos de gentrificação do espaço urbano. Com Florianópolis não seria diferente, talvez seja possível dizer que a paisagem mais presente na Ilha, mesmo que cercada pelo mar, é o morro. O Maciço do Morro da Cruz, Morro da Cruz ou apenas Maciço é quase onipresente na visão central de Florianópolis, por onde se passa é possível enxergar o modo que o morro contorna as paisagens de diversas regiões da cidade.

Figura 2: Visão superior do Maciço Morro da Cruz e região central de Florianópolis.



Fonte: Google Maps (2022). Marcação da autora.

A tese de André Santos, *Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis* é uma contribuição primordial para a compreensão das dinâmicas de produção do espaço urbano e das desigualdades territoriais na cidade de Florianópolis. Também, para a compreensão das relações entre cidade turística e cidade dos moradores. A tese tem como objetivo analisar a formação e transformação dos espaços urbanos em Florianópolis, examinando a sua evolução urbana desde o período colonial até o século XXI, com atenção especial para as transformações ocorridas durante o século XX.

A tese destaca, principalmente, a segregação socioespacial que moldou a cidade, e como ela está intimamente ligada à exclusão social e à pobreza que culminou nos morros vistos ao redor da Ilha. Segundo o autor, a história da pobreza urbana em Florianópolis pode ser dividida em algumas fases. A primeira é a pobreza relativa ao isolamento e distanciamento social decorrente da escravidão, que passou a se fortalecer a partir de 1750; a segunda, é a pobreza devido ao aumento da separação de classes a partir do desenvolvimento da navegação e do comércio e, a pobreza agravada pela dificuldade de manter a população pobre nas periferias urbanas, pelo deslocamento de parte dessa população para os morros no século XX.

Para André Santos, a origem das primeiras ocupações dos morros em Desterro está na tentativa de estabelecer áreas de abrigo para famílias de escravizados em fuga ou libertos:

Desterro por ser porto marítimo era rota na fuga de muitos escravos, inclusive de outras províncias. A navegação era realizada também com marinheiros escravos e muitos dos mestres eram negros. Era natural que dessem passagem, encobrissem, auxiliassem ou mesmo realizassem fugas de seus irmãos. Como Desterro era um porto com muitos marinheiros negros era uma base e conexão nas rotas de fuga e nas redes de solidariedade para ocultar escravos fugitivos. Muitos desses escravos, até de outras províncias, que não eram conhecidos em Desterro, esconderam-se aqui, auxiliados pelos escravos marinheiros e os da cidade, escondendo-se nos cortiços de negros, nos Morros, ou no interior da Ilha. (Santos, 2009, p. 219)

O autor afirma que, durante a década de 1870, os escravizados fugitivos e os escravizados libertos viviam juntos em cortiços próximos às nascentes de água e já ocupavam os morros da região. Peluso (*apud* Santos 1991, p. 214) refere que em 1876, já havia ocupação pelas proximidades das ruas Major Costa e Nestor Passos, antigos acessos ao Morro do Antão⁸. Durante a mesma década, muitos africanos e brasileiros libertos juntavam-se aos escravizados fugidos que viviam nas matas e caminhos nos Morros ao redor da cidade.

O que isso indica é que a fase de expulsão se mostrou extremamente relevante por revelar as tensões nos usos dos espaços urbanos do centro de Florianópolis. Tensões essas que persistem até hoje, como veremos adiante. Com a exclusão das camadas pobres e negras da região central, estas famílias foram empurradas para as laterais da cidade, resultando neste grande complexo periférico com diversas comunidades empobrecidas e negligenciadas pelo Estado (Santos, 2009). Este consolidou-se como uma espécie de desvio em relação à cidade, contrastando as paisagens da empreitada de modernizar Florianópolis com as formas de exclusão e resistência da população indesejada pobre e, sobretudo, negra.

É nas primeiras décadas do século XX que começa o projeto de reestruturação da área central de Florianópolis inspirado pelos modelos das cidades europeias. Segundo Zilmar Agostinho (2014), uma das formas de trazer o Brasil para a modernidade foi a empreitada de copiar certos comportamentos europeus. Paris torna-se uma cidade modelo ideal para a elite que busca reformar a então capital brasileira, Rio de Janeiro, dando-lhe um “ar europeu”. No

⁸ O Morro da Antão foi uma das denominações da parte Norte do Maciço. Afirma André Santos (2009) que todo o Maciço teve designações diferentes ao longo da história. Vários historiadores e memorialistas explicam que o nome Antão se refere ao português Antão Lourenço Rebolo, que foi um dos proprietários de terra no Morro. A nomenclatura não parece mais ser utilizada para se referir ao Morro, entretanto, há na área do Morro da Caixa ainda a Avenida do Antão e a Rua do Antão, que são partes diferentes de um mesmo perímetro.

Rio de Janeiro, as reformas implementadas visavam eliminar prédios e moradias mais humildes, despejando as classes pobres da área central da cidade. Muito similar é o processo de Florianópolis, no centro da cidade, onde hoje se encontra um de seus mais relevantes endereços, a Avenida Hercílio Luz, foi antes um espaço que abrigava um rio conhecido como Rio da Bulha.

Segundo Santos,

[as] práticas sanitárias para extinguir o “atraso, doenças, sujeira e a pobreza,” fez com que antigos bairros na região central fossem alvos sistemáticos das mudanças. Isso implicou a retirada em bloco da população pobre, como no bairro da Pedreira, onde casas foram demolidas e foi erguida a Escola Normal e o Instituto Politécnico e outros prédios. As demolições para abertura da avenida do saneamento e pelas preocupações estéticas, o alto custo para construir uma casa sob as normas da municipalidade, foi agravando o problema de moradia. Em 1921, dois anos depois do início da canalização do Rio da Bulha e da contínua demolição dos casebres, tem-se um registro da primeira ocupação intensa dos Morros. As elites mantinham um desejo, uma preocupação, os projetos para tentar alcançar um padrão urbano, estético, de ordem, sanitário e de equipamentos equivalente ao das grandes cidades. O objetivo era instalar infraestruturas modernas dentro do perímetro em que viviam, e que substituísse as marcas da cidade colonial e imperial, pobre. (Santos, 2009, p. 487)

Nesse sentido, Santos também afirma que “as escolas politécnicas brasileiras tinham professores europeus que formaram os primeiros engenheiros e técnicos que agiam sobre a cidade” (2009, p. 344). Entre o final do século XIX e o início do século XX, muitos dos técnicos que lecionaram nessas escolas estudaram sobretudo na França, influenciados pelos modelos europeus de sanitização, modernização e estéticos. Logo, a formação e educação dos filhos das famílias das elites, responsáveis pelas implementações políticas e urbanas era realizada fora de Santa Catarina, em grandes cidades brasileiras e/ou européias. “Estes filhos vindos de famílias escravocratas, proprietários na navegação, comerciantes ricos, e de militares de alta patente eram educados para ocupar os postos mais importantes da vida liberal e dos cargos públicos” (2009, p. 346-347). Um dos personagens relevantes que ilustram esse fato é Hercílio Pedro da Luz, que foi engenheiro e governador entre 1922 e 1925, o período de maior realização de projetos sanitários urbanos em Florianópolis (Santos, 2009, p. 349).

Ainda, de acordo com Santos, “o processo de modificação, transformação e segregação urbana [...] ocorriam em outras cidades, expresso em mais ampla escala no Rio de Janeiro de onde eram copiados os principais modelos de “modernização” urbana.” (idem,

p.571). Considero especialmente importante destacar essa inserção do Rio de Janeiro como modelo nos primórdios da história de Florianópolis. O Rio marcará presença mais à frente no capítulo 3.

Hoje, o Maciço concentra aproximadamente 16 comunidades⁹ diferentes com uma área total de 2.151.000 m² e quase 23 mil habitantes¹⁰. Mesmo acumulando essa totalidade de habitantes, ele ainda é visto como algo à parte do Centro da cidade. No trecho abaixo é possível notar como ainda existe certo olhar que busca manter a divisão entre o Maciço do que se pretende entender como Centro:

O Maciço do Morro da Cruz é circundado pelos aterros das baías Norte e Sul, *ao lado da região central e das regiões mais nobres de Florianópolis*. Apesar de *se localizar tão próximo à área central*, observa-se nesta área a presença da chamada “cidade ilegal”, constituída por comunidades que, segundo dados da Secretaria Municipal de Habitação e Saneamento ambiental – SMHSA (2015), possuem uma população de aproximadamente 23 mil habitantes. Esta população, apesar de viver em uma área central do atual aglomerado urbano, é considerada periférica à cidade. Consiste em um conjunto de comunidades que durante muito tempo constituiu uma Florianópolis praticamente invisível na divulgação da cidade, sofrendo pela ausência de investimentos sociais e pela falta de reconhecimento de seus direitos cidadãos, já que a maior parte das habitações era composta por assentamentos irregulares. (Almeida; Ferreira, 2017, p. 121, grifo meu)

Ele é então entendido como algo outro, à parte do Centro de Florianópolis. Nesse tipo de enfoque, a localização geográfica importa menos. Opera aqui uma divisão simbólica entre que imagem escolhe-se vincular ao Centro de uma cidade turística e o que pode se caracterizar como um contrassenso. Mesmo abrigando boa parte da população da região central, a ideia de “cidade ilegal” é também responsável por uma noção de que “aquilo não é Florianópolis”, aqui destitui-se também o caráter das pessoas do lugar como florianopolitanos. Embora, curiosamente, como aponta Ruchaud, o morro seja parte onipresente da cidade.

⁹ São elas: Morro da Mariquinha, Morro da Caixa (ou Monte Serrat), Tico Tico, Morro do 25, Morro do Horácio, Morro da Penitenciária, Morro da Queimada e Jagatá, Morro do Céu, Rua Ângelo Laporta, Rua José Boiteux, Rua Laudelina da Cruz, Vila Santa Vitória, Vila Santa Clara, Serrinha, Alto da Caeira e Morro do Mocotó. Há ainda algumas outras que vão se formando, dividindo-se e sem demarcações tão claras.

¹⁰ Estes dados são da Prefeitura Municipal de Florianópolis, datados de 2008. Disponível em: <https://www.pmf.sc.gov.br/entidades/infraestrutura/index.php?cms=projeto+macico+do+morro+da+cruz&menu=6&submenuid=303>. Acesso em: 6 de outubro de 2023. Entretanto, encontrei informações mais recentes (2017) que afirmam que há hoje pelo menos 37 mil habitantes no Maciço. Disponível em: <https://www.moradamonteserrat.com.br/comunidade>. Acesso em: 6 de outubro de 2023.

Embora o Centro de Florianópolis seja uma península, limitada a norte, sul e oeste pelo mar, o limite que se faz onipresente a esse território é menos a água e mais o morro. O Maciço do Morro da Cruz vem desempenhando historicamente o papel de delimitar o território do Centro (...) Quase onipresente na paisagem do Centro, o Morro da Cruz exhibe o tempo todo um contraste entre modos de construir e habitar o território, já que, mais do que um acidente geográfico, o Morro da Cruz é a casa de mais de 30 mil pessoas, que se distribuem em 17 comunidades mais ou menos interligadas (...) Uma importante via estruturadora da cidade, a Avenida Mauro Ramos, corre paralela ao pé do morro, comportando-se como um limite físico e simbólico do Centro. Para muitas pessoas que frequentam o Centro, o território presente na paisagem localizada “da Mauro Ramos para lá” é desconhecido e muitas vezes objeto de medo (Ruchaud, 2019, p. 207)

Cabe considerar a noção de território que Haesbaert (*apud* Agostinho, 2014, p. 97), chama de “relacional”, ou seja, resultado de relações sociais ou de poder. Essa perspectiva contrasta com a ideia de território “absoluto”, que é o terreno em si. Isto é, na perspectiva das classes dominantes, o território é frequentemente moldado de acordo com seus interesses próprios, exercendo seu poder sobre as classes dominadas. Por exemplo, na expulsão do território ou na demarcação do quesito “legal” e “ilegal”.

Nesta perspectiva, para os atores que estão em uma posição hegemônica, o território é percebido em termos de sua dimensão simbólica, não territorial. Nesse contexto, deslocamentos forçados obriga as classes populares a vivenciarem novas experiências e a desenvolverem uma nova compreensão da realidade ao seu redor. Esses usos sobre o território destacam as complexas dinâmicas de poder, controle e significado que estão envolvidas na relação entre as classes sociais e o espaço que habitam.

2.2 O Morro da Caixa

Dentre as várias comunidades alojadas no Maciço, é o Morro da Caixa a mais extensa e populosa¹¹ (Ruchaud, 2019). É lá também que nasceu a cena de carnaval de Florianópolis. Nas décadas de 40 e 50, surgiram as primeiras escolas de samba da cidade,

¹¹ O autor não traz números. Mas segundo o site do projeto morada Monte Serrat são 8 mil moradores apenas nesta parcela do Maciço. Disponível em: <https://www.moradamonteserrat.com.br/comunidade>. Acesso em: 6 de outubro de 2023.

cujos primeiros movimentos estão documentados no território da Rua Major Costa (Blumenberg, 2005). Essa é a rua que dá acesso ao Monte Serrat pela Avenida Mauro Ramos.

A formação do Monte Serrat é um dos elementos da formação da habitação do Maciço Morro da Cruz. Segundo Santos (2009), os primeiros moradores migraram para essa área devido à presença de córregos, fontes de água e bicas, que permitiam que as mulheres continuassem a trabalhar como lavadeiras para as famílias do Centro da cidade. Já que com o fim da escravidão e, posteriormente, a canalização dos córregos do Centro da cidade, as famílias mais abastadas não tinham mais mulheres escravizadas para realizar esse trabalho. As lavadeiras que viviam na região da Fonte Grande (eliminada pelo projeto de saneamento), buscaram as vertentes dos Morros para continuarem seu trabalho. Muitas das histórias do Morro da Caixa marcam as figuras das lavadeiras, por exemplo.

[...] a caracterização do protagonismo feminino na comunidade parece desenvolver-se de maneira mais particular, remontando ao período histórico frequentemente relatado em que as lavadeiras eram a maioria das mulheres do morro, tendo criado suas famílias com base em um trabalho duro, mas que produziu valores positivos expressos nos cantos das lavadeiras e na força das mulheres. (Ruchaud, 2019, p. 20)

Contudo, é preciso estabelecer algumas marcações aqui, quando me refiro ao centro de Florianópolis, Morro da Caixa (D'Água) e Monte Serrat operam geograficamente como sinônimos. Mesmo referindo-se ao mesmo lugar, às vezes elas trazem conotações diferentes. Considero que essa é uma delimitação importante para nos atentarmos, com algumas inclinações políticas. O Morro da Caixa D'Água foi assim chamado por ser a referência da caixa de água que abastece toda a região central de Florianópolis. A rede de abastecimento foi construída pelo governo no alto da comunidade em 1909, entretanto essa mesma rede não atendia o próprio morro. Foi apenas na década de 80 que a população passou a ter acesso a água encanada dessa infraestrutura (Santos, 2009).

Foi nos anos 80 também que surgiu o nome Monte Serrat, a proposta de mudança de nome veio com a chegada do Padre Vilson Groh à comunidade, embora Nossa Senhora do Monte Serrat já fosse tida como padroeira do morro (Araújo, 2006). Isso porque uma imagem de Nossa Senhora do Monte Serrat chegou à Florianópolis em 1927, e foi levada em procissão até a capela no Morro (Santos, 2009). Desde então, celebra-se sua festa anualmente em 8 de setembro. Esta imagem foi levada para o Morro junto com a população mais pobre, nessa

mesma época havia mais uma leva de migração de pessoas para os Morros devido às reestruturações urbanas no Centro da cidade. Anos mais tarde, a proposta de nome é feita em conjunto com a construção da Igreja Nossa Senhora do Monte Serrat dentro do Morro. Até os dias de hoje, Padre Vilson mora no Morro da Caixa, comanda a paróquia, diversos projetos sociais em todo o Maciço e o Instituto Pe. Vilson Groh.

O padre mora no local desde então e mantém um trabalho social que dialoga principalmente com o Monte Serrat, mas também com algumas outras comunidades do Maciço. A questão do nome é um ponto que chama atenção. Primeiro, porque, como Maia (2019) aponta rapidamente, o fato da mudança de nome levanta alguns dissensos entre moradores:

Percebi que, para alguns moradores, o lugar ainda é reconhecido como Morro da Caixa, rejeitando a alteração do nome da comunidade para Monte Serrat. Por costume, divergências religiosas, políticas ou motivações de outra ordem, os tensionamentos e negociações, característicos dos espaços de sociabilidade, se descortinam nas concepções de pertencimento e reconhecimento do local. (Maia, 2019, p. 46)

Segundo, porque um outro ponto desta história é o fato de existir um segundo Morro da Caixa D'Água, na região continental de Florianópolis, localizado pelas imediações do bairro Estreito. Deste não nos interessa tanto sua história ou seus detalhes, entretanto, ele tem um papel relevante aqui: o de ser um contraponto ao Morro da Caixa da região central. Esse ponto aparecerá mais adiante no capítulo 3.

A caixa d'água é hoje um dos principais referenciais da comunidade. Mais do que um referencial, a Caixa d'Água tem papel central na organização do território, e é hoje também um dos principais espaços públicos de lazer da comunidade. Recentemente, a praça que abriga a caixa foi completamente reformada e revitalizada por uma famosa construtora da cidade, o que deu ainda mais enfoque para a comunidade na mídia. A praça é um ponto importante no Morro, há quase sempre algum grupo de crianças brincando por ela. Ela abriga eventos e alguns ensaios gerais da Copa Lord.

Quase em frente ao portão da praça da Caixa d'Água localiza-se a Igreja de N. Srª do Montserrat. Ainda, na Rua General Vieira da Rosa, encontra-se a sede da Embaixada Copa Lord. Quase no topo do morro, a via principal também abriga a Escola Lúcia do Livramento Mayvorne, que foi conquistada pela comunidade e atualmente é administrada por um grupo

religioso que implementa um projeto educacional e gratuito. Além disso, na mesma região, encontra-se o Parque do Maciço, uma conquista recente construída pelo Estado em resposta às lutas de organizações comunitárias (Ruchaud, 2019). Ainda, Ruchaud cita uma passagem de seu diário de campo que é interessante: “quando a gente vai descer a gente fala “ah, vou lá no Centro”, e a gente não se sente parte do Centro da cidade, né? Mas a gente é Centro” (Ruchaud, 2019, p. 209).

2.3 A Embaixada Copa Lord, Avez-Vous e o início do carnaval em Florianópolis

As expulsões e deslocamentos acabam por criar reorganizações do espaço, são responsáveis pela elaboração de novos modos de vivência, afinal é preciso desenvolver novos modos de habitar o que lhes sobra da cidade. As estratégias populares acompanham criativamente as transformações do espaço urbano e respondem aos seus impactos. Assim, a escola de samba é uma das consequências desses processos, ela aparece como um modo de manifestar a territorialidade no espaço da cidade. Nesse caso, é preciso criar também, novos modos de sobrevivência dentro da paisagem urbana. Assim, a Sociedade Recreativa Cultural e Samba Embaixada Copa Lord foi fundada em 1955 no Morro da Caixa. Ela é a segunda escola de samba mais antiga da cidade. A primeira é a Protegidos da Princesa, criada em 1948¹² também no Morro da Caixa, entretanto, ela depois se fixa como parte do Morro do Mocotó¹³.

Segundo Cristiana Tramonte (1996), o 5º Distrito Naval situado em Florianópolis fez com que circulassem pela ilha marinheiros vindos do Rio de Janeiro. Eles aglomeravam-se principalmente pelos arredores da Rua Major Costa, não à toa este tornou-se um reduto do samba na ilha. Segundo a autora, é essa circulação e experiência dos cariocas que fomentou a criação de escolas de samba na cidade, junto a sambistas locais e nos entornos dos morros do centro. De fato, é pela Major Costa que vai se instalar a cena do samba e conseqüentemente a

¹² Pinheiro (2014) aponta pesquisas que indicam que a Protegidos da Princesa não foi na verdade a primeira escola de samba da cidade. Segundo o autor, houve uma anterior oriunda do Morro da Caixa, chamada Narciso e Dião e sua Escola de Samba. Porém, das que seguem em atividade, é a Protegidos que carrega a condição de mais antiga.

¹³ Segundo Silva (2012), a ligação da escola com o Morro do Mocotó é posterior à sua fundação, é só a partir dos anos 60 que o Mocotó passa a ser o seu reduto devido à mudança de seus fundadores.

criação tanto da Embaixada Copa Lord quanto da Protegidos da Princesa, as duas principais escolas do cenário carnavalesco até hoje. Entretanto, como observa Marcelo Silva (2012), seria necessário distinguir samba e samba-enredo, pois, segundo Silva, a movimentação carioca trouxe a estrutura das escolas de samba para a cidade, mas não exatamente o samba enquanto gênero musical.

Figura 3: Quadra da Embaixada Copa Lord, no Morro da Caixa/Monte Serrat.



Fonte: Foto da autora (2019).

Nesse sentido, a área que compreende estes morros é um importante cenário na concepção das escolas de samba de Florianópolis. Segundo Tramonte, é a partir das décadas de 1950 e 1960 que “a comunidade [do Morro da Caixa] desperta para fazer reivindicações. Na área da cultura, pelas tradições afro-brasileiras e **com grande esforço da população**, surge a Escola de Samba Embaixada Copa Lord” (Souza, 1992 *apud* Tramonte 1995, p. 84-85, grifo no original). A escolha pelo grifo me chama atenção, já que outra noção que ronda a memória da escola é a de “guerreira”. “Comunidade guerreira” nos entremeios de suas

menções. “Bateria guerreira” é o nome dado a sua bateria¹⁴. A noção de “guerreira” é uma questão que será tratada especificamente no capítulo seguinte.

No cenário do carnaval da cidade, a história entre as duas grandes escolas florianopolitanas se dá não apenas pelo pioneirismo de sua história, como pela disputa pelos títulos. A Protegidos da Princesa da Princesa foi 25 vezes campeã do carnaval, enquanto a Copa Lord carrega 20 troféus de primeiro lugar¹⁵. Ambas destacam-se no mundo do samba da cidade, o que pressupõe que carregam o peso de uma noção de tradição e autenticidade carnavalesca que, geralmente, reside neste tipo de status histórico. Questões como essas implicam em uma certa rivalidade construída em torno destas duas escolas e, por esse motivo, elas acabam aparecendo aqui como dois pontos de comparação. É impossível falar somente de uma ou outra, sem considerar as tensões que a disputa pelo status dentro da cidade produz.

De acordo com Silva (2012), nas décadas de 40 e 50 a participação dos negros no espaço público se intensifica com os blocos carnavalescos, aumentando tanto a popularidade do carnaval quanto da rivalidade entre as escolas:

[a] partir das décadas subsequentes, outras escolas de samba vão surgindo, os concursos e os desfiles se profissionalizando, atingindo, inclusive, altos índices de popularidade, aumentando a rivalidade entre as duas escolas mais antigas, em brigas que se tornaram famosas, após os desfiles ao redor da Praça XV, no fim da década de 1960, agora já tomada pelo carnaval dos pobres e negros da cidade, num movimento de reterritorialização do espaço público pelas classes populares (Silva, 2012, p. 179).

Não é minha intenção reforçar essa rivalidade simbólica que já paira no ar há muito tempo entre a Embaixada Copa Lord e a Protegidos da Princesa. Essa rivalidade hoje aparece com uma conotação mais de esfera competitiva, no entanto, ela já foi um caracterizada por um

¹⁴ Toda bateria tem um nome que a designa. Em Florianópolis, são as baterias do grupo especial: Bateria Guerreira (Embaixada Copa Lord), Bateria Irritada (Dascuia), Batucada da Unidos (Unidos da Coloninha), Bateria Ordinária (Consulado) e Bateria Furiosa/Groove da Favela (Protegidos da Princesa). Na Protegidos da Princesa, a denominação Furiosa foi recentemente alterada (em 2020) para Groove da Favela. Provavelmente essa alteração se deve a conflitos internos, entretanto, parece que aqui, mais uma vez, a Protegidos da Princesa escolhe demarcar sua noção de resistência como estratégia política perante às outras com a apropriação de uma noção de favela que caracteriza o seu território de origem. Algumas tensões entre as ideias de “guerreira” e “resistência” são temas desta dissertação e serão abordadas a seguir.

¹⁵ Além disso, vale ressaltar que, em 2002, as duas escolas compartilharam o mesmo título de campeã devido a um empate técnico aos olhos da comissão julgadora (Blumenberg, 2005). Nesse ano, a competição já contava com outras duas escolas no grupo especial, totalizando quatro escolas na disputa pelo grande título: a Unidos da Coloninha (fundada em 1962) e a Consulado (fundada em 1986).

modo mais hostil, por vezes chegando à violência física. Segundo Seu Ari, “em épocas atrás a rivalidade era física, nego se encontrava durante o desfile aí já vinha o conflito e era pesado mesmo, o bicho pegava, mas hoje em dia já são amigas, já não tem mais essa rivalidade física” (*apud* Pinheiro, 2014, p.46).

É quase impossível escapar deste lugar comparativo, sobretudo do ponto de onde penso a proposta desta dissertação que é, justamente, demonstrar que há um consumo de carnaval pelo grande público cuja hierarquia é notável. Deve-se levar em consideração, que é intrínseco da própria constituição da festa institucionalizada o caráter de competição. Nesse sentido, certa dose de rivalidade é justamente a impulsionadora da festa. Além disso, não seria equivocado pensar no carnaval como um ponto de fragmentação da própria cidade. Obviamente ele tem seu aspecto agregador, entretanto, como veremos em seguida, a rede construída dentro do próprio território é especialmente relevante para as escolas. Tudo isso, na medida que cultiva um discurso institucional de alianças e irmandade entre escolas, simultaneamente produzindo narrativas internas de conflitos e disputas.

Logo, tanto essa dupla de escolas quanto de morros ocupam uma posição de destaque na paisagem física e cultural da cidade. Em termos territoriais, Caixa e Mocotó são as comunidades de maior destaque na região central da cidade. A rivalidade concentra-se especialmente entre as duas, visto que estas são as duas escolas mais antigas e, portanto, as que carregam a maior expectativa do público. Isto é, da dimensão exterior de uma noite de desfile é para as que os olhares “de fora” mais se aglutinam.

Além de que, se considerarmos as escolas enquanto grupo sociais, talvez resida nesta ideia a tentativa de diferenciação entre elas na construção de sua identidade. Cada escola busca caracterizar sua própria identidade através de sons já que, para os ouvidos mais treinados, cada bateria tem suas próprias levadas e batidas criando uma sonoridade que a caracteriza. Essa caracterização de uma identidade específica dentro do mundo do samba é também confeccionada pelos elementos que costumam os grupos enquanto tais, como os modos distintos de operar as narrativas e práticas políticas dentro de sua realidade e de seu terreno. Em outras palavras, no âmbito maior do mundo do samba forma-se um grupo unificado, dentro dele outras camadas de relações tensionam as tentativas de diferenciação entre as escolas.

Desse modo, o título de “mais querida” do carnaval de Florianópolis é da Copa Lord e, seja pela própria escola ou por terceiros, ele é empregado repetidamente em sua trajetória. Esse qualitativo é constantemente vinculado midiaticamente para descrever a escola, cada vez

que estampa algum jornal impresso, televisivo ou online é quase impossível que não seja caracterizada com sua alcunha. Ele é também utilizado pela própria escola como parte de sua identidade, em falas de integrantes, em apresentações ou em letras de samba-enredo, como, em 2019, o trecho do samba-enredo que cantava “É ela, a Embaixada mais querida que alumiu a minha vida e por acaso eu sonhei”, levou a arquibancada da Passarela Nego Quirido ao êxtase em um uníssono coro. A noção de “mais querida” traz consigo uma teia de relações que sustentam o lugar de destaque da escola na paisagem de Florianópolis. Essa poderia ser apenas uma designação arbitrária, visto que outras escolas de samba da cidade carregam também seus apelidos qualitativos, como a Protegidos da Princesa (“a resistência do samba”) ou a Unidos da Coloninha (“a gigante do continente”). Entretanto, quando se fala de “mais querida”, que implicações estão contidas na escolha deste apelido e por que ele se sobressai em relação aos outros? Quero aqui fazer ou refazer os caminhos pelos quais a Copa Lord fixa seu status na cidade e é abraçada pelo público geral.

Nessa trama, as nomenclaturas, bordões e títulos tornam-se um ponto importante. É, nesse sentido, que ainda me apoio em Tramonte quando esta chama atenção para a questão dos nomes das escolas. Segundo a autora,

Nesta mesma época [décadas de 50 e 60] em Florianópolis, as Escolas de Samba apenas iniciavam buscando os primeiros espaços institucionais para a reduzida população negra que, como estratégia de sobrevivência, necessitava contar inicialmente com a “proteção da princesa” e o consentimento das elites. As próprias denominações das Escolas de Samba em Florianópolis refletem os diferentes momentos históricos em que surgiram e as diversas estratégias que foram utilizadas conforme as diferentes etapas do rompimento do preconceito racial e social. Num ambiente hostil à raça negra, a “Protegidos da Princesa” (cujo símbolo é uma coroa monárquica) foi pioneira, desbravadora e iniciou o processo de ocupação das ruas, rompendo as barreiras do silêncio social dos negros. Para poder exercer sua atividade lúdica se tornava necessário a “proteção da Princesa” que sugere a condescendência que se esperava das elites de origem européia para esta organização das classes populares de origem negra (Tramonte, 1995, p. 92).

Os Protegidos da Princesa é a primeira escola de Florianópolis e, provavelmente, de Santa Catarina. Assim, ela carrega um nome que, segundo Tramonte, é estratégico. Traz o aval da monarquia como tática para se prevenir do preconceito e para ocupar o espaço público da cidade. É depois disso que a Copa Lord adentra o carnaval, após a conquista do espaço encabeçada pela Protegidos da Princesa.

Copa Lord cujo nome vem de uma gíria que significa “estar numa boa”, estar “numa de Lord”. Em uma outra estratégia, a Copa Lord não precisa pedir proteção, nem tutela. Os símbolos da escola, que são uma cartola, um par de luvas e uma bengala, remetem à nobreza européia, “mostrando a capacidade de torna-se um “igual” aos brancos” (Tramonte, 1995, p. 92). A ideia de tornar-se Lord é a de uma ascensão e inserção por meio de símbolos da branquitude em um movimento oposto à identidade adotada pela Protegidos da Princesa. Ainda segundo a autora “a referência ao “Lord” é também significativa do modelo “aristocrático” que o negro projetava para si, como uma forma de resistência, compensação e estratégia de inserção social” (1995, p. 91).

É interessante notar que o nome vem de uma gíria carioca, o que já demonstra como as relações com o Rio de Janeiro são importantes para moldar o carnaval daqui. Avez-vous comenta sua relação com o Rio e a escolha do nome no seu livro:

Catarina com diversas incursões ao Rio de Janeiro, passageiro privilegiado da terceira classe do navio Carl Hoepcke, convivendo, na maioria das vezes, na zona norte do antigo Distrito Federal, apreciava uma gíria otimista que significava ‘viver numa boa’. Assim, concentrei-me e disparei, eloquente: - A Escola se chamará ‘Embaixada Copa Lord’ (Blumenberg, 2005, p. 16)

O livro *Quem vem lá? A história da Copa Lord*, Abelardo Blumenberg, mais conhecido como Avez-Vous, é um ícone na historiografia da escola de samba Embaixada Copa Lord. Ele é um dos fundadores da escola e compartilha relatos e memórias desde a fundação até os dias atuais da publicação (2005). O livro aparece em qualquer bibliografia da produção sobre a escola, por ser o único registro publicado sobre ela para além da academia e com relatos de um fundador.

Importante mencionar, também, que Avez-vous não era morador do Morro da Caixa, apenas boêmio e frequentador do Morro, como ele mesmo menciona em seu livro. Contou-me Carlos Raulino que ele tinha pai alemão e mãe filha de índio com africana, veio de um berço burguês. Ele era advogado, professor e foi vereador. Dado isso, era notável que Blumenberg circulava entre o Morro da Caixa, mas também entre a alta sociedade florianopolitana. A título de exemplo, como ele mesmo cita, suas incursões no luxuoso navio Carl Hoepcke.

Na tentativa de vasculhar um pouco mais a vida desse notável personagem do carnaval da Ilha, encontrei em um blog¹⁶ uma entrevista com Avez-vous. Destaco especialmente o seguinte trecho, sobre seu passado:

Foi difícilimo montar a Escola. Até então o sambista era tratado como um malandro, marginal. Muitas oportunidades eu perdi devido a minha participação na Escola de Samba. Eu já era ginásiano, o que representa hoje uma Universidade. Estudei no Colégio Catarinense e, em 1965, me formei em Direito na Universidade Federal. Sem falsa modéstia, eu fui muito bem criado. Minha tia era professora, fui criado por ela e convivi com a alta sociedade de Florianópolis. Era sócio do Lira Tênis Clube. Naquela época, o preto ficava meio cabreiro comigo (nem todos), porque eu estava frequentando o Lira, que é clube de branco, e perguntava: “O que é que esse crioulo tá fazendo no clube de branco?” Havia esses choques. E quando eu procurava emprego, o gerente olhava pra mim, esboçava um sorriso e perguntava: “Mas o que é que tu queres fazer aqui? Trabalhar até o carnaval?” Eu queria mesmo era pegar a grana pra chegar no carnaval bem abonado.

O que quero demonstrar com isso é que, a Copa Lord é fundada com estratégias políticas diferentes, partindo assim, de lugares de aceitação distintos. Por mais que a base de ambas seja a população negra dos morros de Florianópolis, existe uma diferença qualitativa na sua fundação. Isto é, há características distintivas que definem a identidade e a trajetória da escola em relação a outras agremiações carnavalescas. O maior exemplo é a figura de Avez-vous que já é um cartão de visita para a agremiação. O fundador principal da escola não é um morador do morro. Ele não é parte da parcela da população negra e pobre, deslocada forçosamente, que habita o Maciço. Ele carrega consigo várias texturas que o distinguem politicamente na paisagem das escolas de samba da época. A formação acadêmica, a descendência alemã, uma potente articulação verbal e escrita, a carreira política, a facilidade de acesso às camadas burguesas da cidade o tornavam um importante mediador nesse cenário. Em um trecho da entrevista de Seu Mário César a Pinheiro, fica evidente as negociações que Avez-vous era capaz de operar em prol de sua escola:

Uma vez enquanto ainda servia no quartel, era época de desfile. Neste dia estava no serviço, mas o Avez-Vous sempre ajudava a rapaziada, ele tinha um dom para a fala que olha, ajudava muito. Ele me falou que já estava tudo certo, que eu podia desfilar tranquilo porque ele tinha enviado um documento para o quartel. Acontece que o documento ficou com o soldado e não chegou ao Sargento responsável. Eu no meio do furdunço venho a ser interpelado pelo soldado que

¹⁶ Entrevista disponível em: <https://balaiodesiri.blogspot.com/2010/02/avez-vous-quem-vem-la-de-amarelo-azul-e.html>. Acesso em: 5 de novembro de 2023.

me leva preso para o quartel, disseram que eu estava de serviço. Fiquei no quartel e me chega o Sargento dizendo que o Avez-Vous ligou e disse que já tinha enviado o ofício pedindo a minha liberação nesse dia, o Sargento encontrou o ofício com o Soldado e me liberou para que pudesse voltar para o carnaval e desfilar, esse Avez-Vousz livrava o pessoal, até porque o negro não tinha muita vez não (Seu Márcio César *apud* Pinheiro, 2014, p. 83)

Ainda, sua influência não se trata apenas que a Copa Lord seja mais bem recebida por camadas diferentes da sociedade, mas, também, ele é um importante articulador dos conhecimentos dos modelos do Rio de Janeiro de escola de samba, como me atentou Carlos Raulino.

Assim, a Copa Lord nasce de um mesmo território, mas com lugar social diferente dos Protegidos. Ela estabelece-se em um contato diferenciado com o que já era feito no Rio de Janeiro e com as classes políticas da Ilha. A proximidade da diretoria da escola com os políticos locais e o impacto causado pela adesão de figuras políticas e sociais importantes de Florianópolis aos seus desfiles, como as famílias Bornhausen, Amin, Koerich, Ideli Salvatti, Aldírio Simões, Moacir Benvenutti entre outros (Blumenberg, 2005), implica que essa eram estratégias tanto para a escola quanto para os próprios políticos em relacionar-se com as camadas populares da cidade.

Segundo Tramonte, a escola se inclinava à uma tentativa de incluir o luxo e a nobreza como valores positivos para a própria aceitação do negro na sociedade. É essa espécie de abordagem pacificadora entre classes que, mais tarde, tende a se caracterizar na noção de “comunidade guerreira”. Assim, os discursos e estratégias políticas da Protegidos da Princesa parecem tensionar muito mais as relações nutridas entre carnaval, escola e território. Nesse sentido, Rascke (2020) chama a atenção para o aspecto peculiar da noção de Lord agregada ao nome da escola,

Lord era um termo com um significante de imponência na linguagem das autointituladas grandes sociedades carnavalescas do Rio de Janeiro, sendo pertinente analisar sua incorporação ao nome da Embaixada Copa Lord. Os próprios integrantes das escolas de samba incluíam um “Lord” em suas denominações, por exemplo, “Lord Diplomata”, que era “porteiro do Palácio do Catete”. Nesse sentido, o uso da terminologia “Lord”, diferente de uma relação de “agradecimento” ou memória da escravidão, como se dera com Os Protegidos da Princesa, envolvia uma forma “imponente”, bela, entusiasmante, de se apresentar ao público. No ano de fundação, a “Copa Lord” desfilou com suas “coloridas fantasias”, consagradas pelas cores vermelho, amarelo e branco. A comissão de frente, composta pelo cidadão do samba (Abelardo Blumenberg – Avez-Vous), homenageou o governador Irineu Bornhausen. Havia também seis componentes homens, a porta-estandarte Maria

Benta da Silva e o baliza, o “famoso Lídio”. Na sequência, “a Ala Prefeito Osmar Cunha”, sob a direção de Orlando J. de Souza, contava com 15 garotas e 15 rapazes. (Rascke, 2020, p. 72)

Considero esse trecho, cujas manchetes a autora coleta do Jornal A Gazeta (edições de 1955), especialmente interessante pelo apontamento em relação ao sentido atribuído à ideia de Lord e, também, por ressaltar alguns dos laços de estratégias políticas que apontei anteriormente. Igualmente, Áurea Demaria Silva chama atenção para o caráter “diplomático” do termo “embaixada” adicionando ao nome da escola pelo próprio Avez-Vous. Além disso, para a autora, “a figura do fundador Avez-Vous soa como o próprio “embaixador”, cuja habilidade no “trato” resultou na aceitação e conseqüentemente no sucesso da Copa Lord entre os diversos grupos sociais da cidade” (2006, p. 92).

A estratégia do nome e da diplomacia política exercida por Avez-Vous poderia ser resumida no trecho abaixo, escrita por Eduardo Silva e resgatada por Áurea Demaria Silva:

E parece que o sucesso alcançado pela escola [Copa Lord] se deve em larga medida ao espírito diplomata de seu principal fomentador. Acreditamos que Avez-Vous foi um dos primeiros sambistas locais a entender o poder de barganha que uma escola de samba poderia ter no contexto político local [...]. E o primeiro desfile “oficial” desta escola foi prova do espírito político de Avez-Vous. Quando questionado por A Gazeta sobre a disposição e temas das alas da escola, sem constrangimentos afirmou: “a ala de frente homenageará ao Sr. Irineu Bornhausen. A 1ª ala que segue homenageará o Sr. Prefeito Osmar Cunha. A seguinte a imprensa e as demais autoridades”. Ao comércio e ao povo em geral seria dedicada a bateria.[...] Quase não havia espaço para a Copa Lord não cair nas graças do florianopolitano (Silva *apud* Silva, 2006, p. 92).

As estratégias da escola naquele momento, especialmente concentradas na figura política de Blumenberg (Avez-Vous), favoreceram certa recepção distinta do grande público à agremiação. A habilidade com que a Copa Lord se finca no cenário da cidade é distinta de sua contemporânea de fundação, a Protegidos da Princesa. Especialmente, pelo fato de que este é o primeiro desfile da escola, isto é, que no momento de sua fundação já conta com um certo prestígio da ala política. Isso implica, não apenas no encantamento do grande público na sua estreia, mas, também, em uma veiculação importante nos jornais, já que articula figuras importantes da alta sociedade local.

É claro que, pensar a escola no cenário atual exige outras nuances. Entretanto, o presente é feito, também, de passados. A chegada de mais escolas no carnaval da cidade demanda que a Copa Lord reinvente seus métodos, mas, sobretudo, é a sua habilidade de articular o prestígio do seu passado no seu presente que finca sua narrativa.

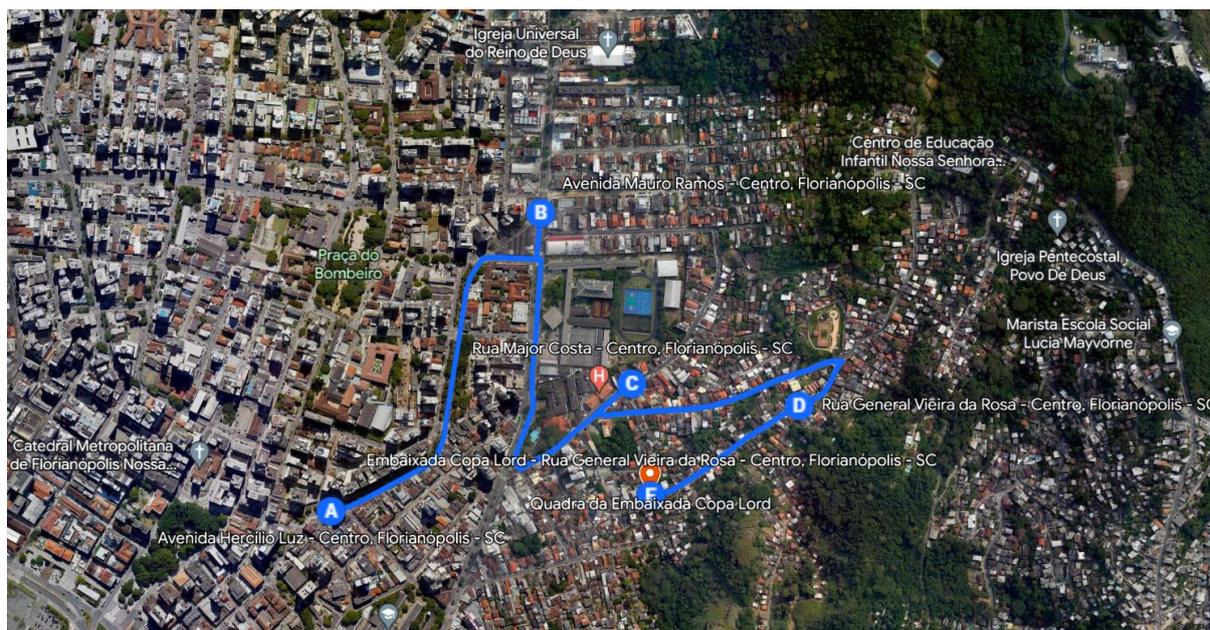
2.4 Avenida Hercílio Luz e Avenida Mauro Ramos

Em alguma ocasião ouvi que a Avenida Mauro Ramos é a “Faixa de Gaza do Centro de Florianópolis”. Ela separa a parte considerada tradicionalmente central da cidade e a parte esquecida, um limite geográfico e simbólico na paisagem. É ali que se delimita o que seria ou não uma paisagem central, é ali que se estampa o conflito simbólico e físico do espaço central. A Avenida Mauro Ramos é o meio entre o que se considera Centro e o que é “apenas” Morro. Nesse sentido, Centro é mais um conceito que um lugar. É interessante perceber o contraste que as avenidas geram na paisagem do centro da cidade. E isso não é apenas um contraste visual entre a arborizada Hercílio Luz e a cinza Mauro Ramos. Elaine Dorighello Tomás exemplifica muito bem como, desde o processo de reurbanização do Centro de Florianópolis as avenidas já exprimiam esse limite de duplo caráter no espaço:

A Avenida Mauro Ramos assumiu o papel que deveria ser da Avenida Hercílio Luz, que teria uma inflexão ao tomar rumo à orla norte, em direção à Praia de Fora. Esse desenho foi modificado posteriormente aos anos 1930. Ficou então a nova Avenida como divisa entre a cidade urbanizada e a informalidade das habitações e arruamentos precários do Morro. (TEIXEIRA, 2009, p. 220). (...) Assim como o Córrego da Bulha, depois Avenida do Saneamento e atual Hercílio Luz tornou-se o divisor entre a cidade legal e a cidade informal até os anos 20 do século passado, a Avenida Mauro Ramos acabou se tornando também, a partir do final da década de 1940, o divisor entre a cidade legal, aquela urbanizada de acordo com o plano diretor ou plano regulador de uso do solo e de gabaritos e a cidade informal, aquela das habitações precárias das encostas do Morro da Cruz (Tomás, 2012, p. 201).

Dito isso, quando no carnaval o morro desce em peso, ultrapassa os limites da Mauro Ramos e adentra a Avenida Hercílio Luz (o Centro por excelência), mesmo que isso implique em apenas poucos metros de separação geográfica, algo foi revirado na paisagem da Avenida Hercílio Luz, alguma ordem foi subvertida.

Figura 4: Vista superior do caminho Avenida Hercílio Luz até a quadra da Embaixada Copa Lord¹⁷.



Fonte: Google Maps (2022). Marcação da autora.

Acredito que cabe aqui um curioso relato dos anos que morei na Avenida Hercílio Luz, época da qual consigo me lembrar de especialmente três vizinhas. Três típicas senhoras do lugar, classe média, brancas, aposentadas, cuja única obrigação diária era provavelmente realizar passeios diários com seus cachorros nos três períodos do dia, sentar-se com suas semelhantes nos bancos da Avenida, falar da vida alheia. Elas, como a maioria dos moradores do bairro, observavam com ressalvas e incomodações a presença massiva das pessoas do morro nos dias de volta à praça. Ou, ainda, com os moradores de rua que se acomodavam pelos bancos de nossa rua que, segundo elas, tinham alguma ligação com os morros. Embora isso não faça sentido, afinal, quem mora no morro, não mora na rua.

A volta à praça é um dos momentos mais esperados pelo público carnavalesco, é onde a escola é um todo que se apresenta junto de e para sua comunidade, sem a pressão da competição da avenida. Mesmo que as escolas doem muitas entradas para a comunidade, ou insiram as pessoas no seu desfile para terem acesso ao espetáculo, esse é o momento também de quem não poderá ver sua escola na avenida. Os dias de volta à praça são sempre dias lotados no Centro de Florianópolis, o arredor inteiro da Praça XV é tomado por um arrastão

¹⁷ Trajeto: (A) Avenida Hercílio Luz → (B) Avenida Mauro Ramos → (C) Rua Major Costa → (D) Rua General Viêira da Rosa → (E) Quadra da Embaixada Copa Lord.

de foliões. Particularmente, a Avenida Hercílio Luz é tomada nos dias em que se apresentam Copa Lord e Protegidos da Princesa. O caminho do Maciço até a Praça XV é intermediado pelas Avenidas Mauro Ramos e Hercílio Luz, assim, a passagem por estas avenidas é praticamente obrigatória.

Foram muitas as vezes em que ouvi comentários de muitos moradores, porteiros, comerciantes, com algum tom pejorativo sobre a presença dos moradores do Maciço na Avenida Hercílio Luz. Afinal, é como se pudéssemos estender uma ideia de legalidade *versus* ilegalidade ao espaço da rua e a seus transeuntes. No carnaval, em bando, os “informais” adentram aquela paisagem que é o suprasumo da urbanização, ordem e gentrificação.

Figura 5: Volta à praça da Embaixada Copa Lord, em 2019.



Fonte: Divulgação / Liga das Escolas de Samba de Florianópolis (2019)¹⁸

Mas voltemos às três senhoras aposentadas e o porquê delas estarem aqui. Um certo outro dia nas proximidades do carnaval, não sei exatamente de onde surgiu o tópico (não

¹⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/carnaval/2019/noticia/2019/02/15/embaixada-copa-lord-faz-ensaio-aberto-na-praca-xv-em-florianopolis.ghtml> . Acesso em: 5 de novembro de 2023.

estávamos ainda em véspera de carnaval), mas ele é carnaval. Em uma conversa, quando afirmo que acompanho as atividades da Copa Lord, inclusive como ritmista, duas delas enfaticamente me falam: “Eu sou Copa Lord!”. A terceira acompanha com um: “Eu também!”. Elas parecem ter a ânsia de contar que os pais eram também Copa Lord e que desfilaram pela escola em algum momento de sua juventude. Ou ainda, que alguém da família era Protegidos e que em algum momento houve uma rivalidade.

Aparentemente, *ser Copa Lord* fazia com que eles sentissem conectadas a uma parte importante da cultura local. Entretanto, essa declaração gerava um contraste curioso com suas críticas à presença dos moradores das comunidades nas festividades do Carnaval. Afinal, existia uma crítica ao próprio carnaval em si, mesmo que velada. Mas, afinal, o que é ser Copa Lord nesse cenário?

CAPÍTULO 3

COMUNIDADE GUERREIRA

(OU OUTRAS NUANCES SOBRE O TERRITÓRIO)

O intuito deste capítulo é o de chamar atenção para algumas aproximações e alguns distanciamentos quando se fala em Morro da Caixa/Monte Serrat em relação à “periferia” de Florianópolis. Aqui me proponho a olhar para o lugar social do território copalordense e, de que modos os contrastes entre os morros operam na abordagem dos jornais sobre o Maciço Morro da Cruz. Além disso, busco apresentar os modos como a narrativa sobre o Morro da Caixa/Monte Serrat é confeccionada por olhares internos e externos e seus desdobramentos na escola de samba.

3.1 Morro da Caixa, Morro da Caixa Continental e Morro do Mocotó: a demarcação da diferença

Em um noticiário policial popular em Santa Catarina, o apresentador Hélio Costa, faz a chamada de uma nova matéria sobre uma batida policial, ao mesmo tempo que questiona a equipe por trás das câmeras: “Operação no Morro da Caixa! Morro da Caixa do continente? Do continente, né!” e acena assertivamente com a cabeça, mais uma vez afirma “É do continente!”¹⁹. Segue a matéria, a cara dos suspeitos e a espetacularização das batidas policiais.

Além disso, basta uma busca nos portais de notícias da região²⁰ para notar a diferença nas abordagens entre o que se chama de Morro da Caixa da região continental da cidade, e o que se chama de Monte Serrat/Morro da Caixa, na região insular da cidade, no Maciço do Morro da Cruz. Das várias notícias ligadas ao crime e com ênfase em uma narrativa de marginalidade, a chamada para o Morro da Caixa é quase sempre o continental, o mesmo tratamento se dá para outras regiões do Maciço, como o Morro do Mocotó. Para o

¹⁹ Matéria disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=86GhXfnkPIY&t=26s>
Publicada em 20 de abril de 2018. Acesso em 4 de junho de 2021.

²⁰ Considero aqui, principalmente, notícias veiculadas em portais online dos dois maiores grupos jornalísticos da região de Santa Catarina: NSC TV e ND TV Record. Entretanto, em sites de busca, é possível manter a mesma leva de chamadas, incluindo aí outras fontes jornalísticas.

Monte Serrat, a busca encontra reportagens sobre o empreendedorismo, revitalização de praça, o protagonismo negro, o Padre Vilson Groh, a Copa Lord, as figuras tradicionais, as ações beneficentes etc. Isso poderia nos inclinar a pensar sobre como opera a questão dos nomes que menciona Maia, afinal, se toda notícia que potencialmente positiva o território negro prefere chamá-lo de Monte Serrat, será que existe uma tentativa de apagar a carga estigmatizante da noção de “morro” aderindo à uma nova terminologia?

Quando Hélio Costa se pergunta ou pergunta a um terceiro, ele não espera somente a resposta, mas a confirmação de uma suspeita. Se a batida é policial, ela só pode ser no continente, quando reafirma por duas vezes a resposta é para frisar que lá, no continente, naquela Caixa, naquele morro, é lá que mora o perigo. Essa é também uma caracterização constante sobre o Morro do Mocotó, onde as chamadas estampam sempre títulos que enfatizam a condição “favela”: crime organizado, troca de tiros, tiroteio, tráfico de drogas, baile funk etc.

Figura 6: Operação policial de combate ao tráfico no Morro do Mocotó.



Fonte: Divulgação Polícia Militar de Florianópolis²¹.

²¹ Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/operacao-organizacao-criminosa-morro-do-mocoto-em-florianopolis> . Acesso em: 5 de novembro de 2023.

Não à toa, a violência policial no Morro do Mocotó é de longa data. Pensando nisso, destaco uma passagem em que André Santos levanta uma questão histórica muito interessante sobre o Morro do Mocotó:

Um local que ficou conhecido como “Morro do Governo” que viria a ser chamado de Mocotó. Desde 1845, pelo código de posturas de Desterro, a câmara autorizava que rochas e aterro para construção e manutenção de estradas, estivas e pontes fossem extraídos dos locais mais próximos. O código previa que os moradores do lugar, em idade de trabalho “filhos e escravos”, prestassem seis dias por ano para esses serviços públicos. Os proprietários das áreas de onde fossem retiradas rochas e aterro ficavam isentos dos dias de trabalho. (...) O Morro era legalmente do Governo, porque, na década de 1870, o governo da província comprou as terras ao Sul do Hospital Militar no Morro da Boa Vista para preservar a água necessária ao nosocômio. (Santos, 2009, p. 618)

Seriam as ações truculentas do Estado no Mocotó fruto dessa ideia de posse perpetuada até os dias de hoje? Acredito que alguns enquadramentos da imagem que se faz do Mocotó persistem daí. Do mesmo modo, a caracterização midiática do Mocotó é uma extensão disso, do poder que os veículos hegemônicos e de Estado exercem no seu território desde os primórdios. Nas áreas onde o Estado busca exercer seu controle, a presença policial é constante e muitas vezes acompanhada de abusos de poder e repressão. É possível notar uma insistência na propagação do Mocotó como “tudo de ruim” que uma periferia pode oferecer, veiculado à sua imagem e discurso.

Figura 7: Manifestação contra violência policial em frente a entrada do Morro do Mocotó, na Avenida Mauro Ramos.



Fonte: Sem autor. Reprodução: Repórter Popular²².

Isso quer dizer que o tipo de enfoque que cada morro recebe aponta para narrativas bem distintas entre a cultura/tradição que mora no Monte Serrat e a violência/marginalidade de outros morros da região. Uma ideia de tradição e comunidade é extremamente reforçada na narrativa sobre o Monte Serrat, tanto no plano discursivo quanto no uso das imagens. Uma narrativa que evoca a noção de “comunidade”, com planos de crianças, céu azul, a vista da praça revitalizada, idosos e alguma referência à escola de samba. É como se os imaginários de “favela” e “comunidade” operassem algo como condições socioeconômicas similares, porém com moralidades distintas.

²² Disponível em: <https://reporterpopular.com.br/estudantes-em-greve-se-somam-a-comunidade-do-mocoto-na-luta-contr-a-violencia-policial-em-florianopolis-sc/>. Acesso em: 5 de novembro de 2023.

Figura 8: Criança soltando pipa em meio a Feira Amigos do Monte Serrat, em 2022.



Fonte: Foto de André Quadros. Reprodução: De olho na ilha.²³

Em uma busca rápida de imagens em plataformas de pesquisa, são explicitamente opostas as imagens veiculadas ao Mocotó (negativadas) e ao Monte Serrat (positivadas). Por este lado, traçar um histórico dos territórios, nos aponta que uma de suas características mais importantes é sua dimensão política de seus recortes. Essas narrativas e imagens comunicam ao público hegemônico algo. Elas cristalizam o que deve ser valorizado e o que deve ser desprezado.

Acredito que seja interessante mencionar, uma breve divagação de Carlos Raulino, quando falava sobre a rivalidade Protegidos da Princesa e Copa Lord pelos anos 90. Ele adiciona um breve comentário de como o acesso ao Morro da Caixa era mais procurado pelo grande público, principalmente para frequentar os bailes na quadra da Copa Lord.

Dito isso, foi intencionalmente que escolhi compartilhar aqui, duas imagens que justamente demonstram a dualidade da presença da Polícia Militar nas duas comunidades. Na

²³ Disponível em: <https://www.deolhonailha.com.br/florianopolis/noticias/feira-amigos-do-monte-serrat-abre-inscricoes-para-expositores-e-artesaos/>. Acesso em: 5 de novembro de 2023.

Figura 6 uma das muitas operações policiais no Mocotó, inclusive protagonizada pelo BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais). Na Figura 9, a seguir, a banda da Polícia Militar toca na inauguração da Praça do Monte Serrat após sua revitalização patrocinada por uma construtora milionária. A presença policial nas imagens remete aos dois extremos, a de extermínio e a cultural. Opta-se por acionar uma mesma instituição, a Polícia Militar, em dois contrastes, uma de aproximação com a população do morro retida na caracterização do Morro da Caixa. Outra, em uma rivalidade (agora sim, destrutiva) com o perigo retido na caracterização do Morro do Mocotó.

Figura 9: Inauguração da Praça do Monte Serrat com a presença da banda da Polícia Militar, em 2019.



Fonte: Bruna Stroisch. Reprodução: NDmais²⁴.

Essa poderia ser uma breve e sintética demonstração de que tipos de imagens se veiculam e se reforçam a cada um. De quais imagens ficam retidas. E, sobretudo, de quais políticas os diferentes morros recebem do Estado e da sociedade civil.

²⁴ Disponível em: <https://ndmais.com.br/infraestrutura/grande-avanco-para-a-comunidade-novo-espaco-de-lazer-e-inaugurado-em-florianopolis/>. Acesso em: 5 de novembro de 2023.

São nestas abordagens que operam “aspectos pragmáticos das transações verbais como suporte de tipificações” (Crapanzano, 1988 *apud* Moreira Santos, 2002, p. 55). Isto é, elas acabam por não apenas reforçar estes ideais como se eles fossem dados, mas sim, tratam de construí-los perante o público da cidade por meio dos recortes, imagens e discursos. Aqui, entende-se que há uma eficácia da linguagem na comunicação jornalística em construir tipos de morros opostos.

Desse modo, um apelo à tradição comumente perpassa o ícone maior do Monte Serrat que é a Embaixada Copa Lord, reificando uma ideia de positividade negra por meio de seus atributos culturais. Toda referência ao morro é atravessada pela história da escola, direta ou indiretamente, no sentido em que muitas matérias mencionam a escola, utilizam-se da imagem dos grandes nomes e suas cores (vermelho, amarelo e branco). Qualquer evento importante sempre acontece com a presença de um show da bateria, da velha-guarda ou ainda com apresentação de mestre-sala e porta-bandeira.

Assim, mesmo que o Morro da Cruz seja a parte da paisagem negada ao centro, ele é o lugar onde operam algumas tipificações das quais sua população é parte, dividindo-os nas categorias racializadas entre uma periferia marginal e uma periferia culturalmente tradicional.

Enquanto isso, a Avenida Mauro Ramos é este corte que divide dois cenários da região central. Não afirmo isso porque quero caracterizar o Maciço como um ambiente antagonicamente distinto do resto do centro para reificá-lo como “a favela”, um clichê de alteridade (Dos Anjos, 2006), mas porque, como vimos até aqui, essa alteridade é explorada e fabricada nos discursos da cidade desde seu projeto de reurbanização. Mais que isso, essa alteridade confecciona práticas e políticas distintas entre os territórios do Maciço que afetam a cidade e, conseqüentemente, sua relação com o carnaval.

Desse modo, parece haver a construção de uma singularidade atrelada ao Monte Serrat/Morro da Caixa como um local que consegue inscrever sua imagem positiva perante a cidade porque o conquistou de forma “guerreira”, atravessando o obstáculo das faltas e construindo sua comunidade. Um exemplo são as histórias da pavimentação feita pelas mãos dos próprios moradores:

Conforme conta a história da pavimentação da rua, Seu Teco rememora valores morais presentes naquela época e que estariam em risco de serem perdidos, como uma grande cultura de solidariedade e ajuda mútua. Esses valores estão contidos também nas falas de outras/os tantas/os moradoras/es quando remetem ao passado, seja com relação aos preparativos para os desfiles passados da Copa Lord, à construção de escadarias como a Nova Descoberta ou às reuniões para reivindicar direitos junto ao Estado. Em todos os casos, os relatos do passado trazem, mais do

que informações, uma narrativa quase heróica, na qual a comunidade do Monte Serrat conquistou tudo o que conquistou apesar de uma suposta ausência do Estado e do preconceito com que o morro é visto pelo Centro (Ruchaud, 2019, p. 213)

Parece ser esta essa narrativa heróica que tende a pautar uma noção de território negro aliado à uma espécie de meritocracia como sua grande qualidade que une escola e território. Assim, há uma trama de relações construídas, nos discursos externos e internos, entre as comunidades do Maciço Morro da Cruz e isso, conseqüentemente, traz desdobramentos para a cena de carnaval.

3.2 Comunidade guerreira

A comunidade não tinha suas reivindicações atendidas pela prefeitura da mesma forma como eram atendidos os moradores dos bairros oficiais da cidade. Quando reivindicaram o calçamento do caminho principal do Morro, a prefeitura apenas forneceu o material e o pessoal técnico, à comunidade coube todo o trabalho, principalmente o de abrir as valas. O operador da máquina retroescavadeira da prefeitura tinha que ser pago pelos moradores. Cada um dava 500 réis, assim o trabalho na vala ficava mais descansado. Os homens se reuniam na Igreja, Uma turma pela manhã e outra à tarde. A Prefeitura dava o material, a comunidade fazia o serviço (...) Também trabalhavam à noite para adiantar o mutirão nos finais de semana. Assim que as obras no Monte Serrat foram feitas. Tudo o que a comunidade do Monte Serrat conseguia era na luta, discutindo com os técnicos que sempre apontavam uma série de obstáculos para atender as reivindicações. Foi pressionando a prefeitura que conseguiram o calçamento, o saneamento, a água, o esgoto, o posto de saúde. (Santos, 2009, p. 592 - 593)

Não é preciso ser morador do Morro da Caixa para conhecer alguns dos nomes que são atrelados às histórias deste lugar ou da Embaixada Copa Lord. Seu Teco, Dona Uda, Padre Vilson Groh, Seu Lidinho... Como afirma Ruchaud, “pode ser que, mesmo não tendo estado no morro, você, leitor/a, possa ter tido contato com algum desses nomes através de um dos muitos trabalhos acadêmicos ou matérias jornalísticas que se referem à comunidade” (2022, p. 83).

De fato, há todo um imaginário construído sobre a comunidade do Morro da Caixa. O Morro também oferece sua própria trama nessa história. Este é um tópico focado em trazer um pouco dessa narrativa, pois entendo que ela é uma parte crucial de toda a simpatia tanto pelo Morro da Caixa, quanto pela Copa Lord.

Segundo Tramonte, Embaixada Copa Lord se inclinava à uma tentativa de incluir o luxo e a nobreza como valores positivos para a própria aceitação do negro na sociedade. É isso que, mais tarde, tende a se caracterizar na noção de “comunidade guerreira”. Essa construção de uma singularidade produzida nas próprias narrativas do Monte Serrat/Morro da Caixa sobre si mesmos. As histórias que tendem a buscar imagens positivadas de suas trajetórias, perante a cidade.

Existe uma questão comunitária que é extremamente forte no Morro da Caixa, ela supera os obstáculos das faltas do poder público e vai construindo e adquirindo melhorias para sua comunidade. O discurso é sempre muito bem alinhado, é quase como se todo morador tivesse um momento heróico para compartilhar.

Dois grandes exemplos são narrados por Ruchaud (2019), em sua dissertação, as histórias de pavimentação do Morro feitas pela própria comunidade, na ausência da atenção da Prefeitura de Florianópolis em relação a este tópico; e, a construção da quadra da Copa Lord. E, ainda, Anjos (2016), em seu TCC, em relação à conquista do ônibus que subisse o Morro, por iniciativa e luta política da própria comunidade²⁵.

Ruchaud delinea muito bem, os sentidos que essas narrativas buscam evocar:

[...] os eventos narrados não são casuais, como tampouco o são as formas pelas quais esses eventos são narrados. Essas histórias possuem um papel importante na construção simbólica dos sentidos do que é ser o Monte Serrat, do que é o Monte Serrat com relação à cidade – uma comunidade formada por um povo negro guerreiro, trabalhador, por famílias com laços que remontam a décadas e que formam uma rede de solidariedade através da qual se conquistaram direitos que antes eram inacessíveis ao morro (Ruchaud, 2022, p. 85-86)

Essas narrativas pretendem causar um efeito em sua audiência, a de demarcar o lugar *diferenciado* do Monte Serrat na história do Maciço. De explicitar suas táticas de sobrevivência perante à cidade.

[um] exame dos veículos de mídia de maior circulação na cidade (Diário Catarinense, Hora de SC e Notícias do Dia), na última década, revela não só uma transformação no tratamento que o Monte Serrat vem recebendo como uma diferença entre o Monte Serrat e outras localidades consideradas periféricas, que ainda são retratadas quase sempre por notícias que as

²⁵ Há outros vários tópicos que poderiam ser colocados aqui em relação às conquistas estruturais e políticas da comunidade. Perdoem-me pois o tempo não me permitiu.

associam à violência e à ocupação desordenada. Esta pesquisa nos principais meios de comunicação pode indicar um aparente sucesso localizado, em que a comunidade organizada do Monte Serrat consegue se colocar perante a grande mídia como um lugar com valores positivos, sendo retratada por aspectos como longevidade, solidariedade e “consciência negra”, em evidente contraste com o tratamento recebido por outras comunidades periféricas da cidade (Ruchaud, 2019, p. 88)

O Monte Serrat faz a mesma coisa que Goldwasser afirma ser uma característica da Estação Primeira da Mangueira que “[...] tende constantemente à procura de um enraizamento cada vez mais consistente em suas próprias origens” (1975, p.53).

Logo, o meu ponto é que, inerentemente, essas imagens constroem os ordenamentos das afetações do carnaval também. Como mencionei no capítulo anterior, o nome da bateria da Copa Lord é “bateria guerreira”, tal qual o título que a comunidade carrega. Existe para o grande público, a criação de uma simpatia pelo Monte Serrat e que é estendida à Copa Lord, ou vice-e-versa. Obviamente, a simpatia pela Copa Lord traz outros pontos consigo. Outro que considero relevante e, ainda pensando um pouco sobre territórios, é a constante aproximação entre Rio e Floripa. Vamos a este.

3.3 Algumas pontes entre Rio de Janeiro e Florianópolis

Carnaval e o Rio de Janeiro estão entrelaçados de tal forma que é difícil imaginar um sem o outro. Essa relação é profundamente enraizada no imaginário coletivo e na identidade cultural não apenas dos cariocas, mas de todo o Brasil e do mundo. O tema escola de samba perpassa imperativamente o Rio de Janeiro. Inegavelmente, a estrutura das escolas tal qual conhecemos é de berço carioca. Como vimos no capítulo anterior, Florianópolis e Rio de Janeiro são duas cidades com histórias similares no que diz respeito à formação de suas estruturas urbanas e às desigualdades territoriais. Ambas as cidades têm uma história de colonização e ocupação desigual do espaço urbano, resultando em cidades com fronteiras definidas entre área turística e uma área periférica. Além disso, ambas as cidades têm um forte apelo relacionado às suas praias e ao turismo.

A própria concepção das escolas de samba de Florianópolis é fruto de uma relação com o Rio, devido ao contato entre marinheiros cariocas que chegavam até a Ilha. Como já

mencionado, segundo Cristiana Tramonte (1996), o 5º Distrito Naval situado em Florianópolis fez com que circulassem pela ilha marinheiros vindos do Rio de Janeiro que se aglomeravam principalmente pelos arredores da Rua Major Costa, rua no pé do Morro da Caixa.

Segundo Carlos Raulino²⁶, Florianópolis é o lugar com a história de ligações mais fortes com o Rio de Janeiro do que qualquer outro lugar. No quesito desfiles de carnaval, ele insiste que Florianópolis não é uma cópia do Rio, pois “o próprio Rio copia o Rio”. Nesse ponto, Carlos aponta para um ponto de vista muito interessante, o que se entende como “cópia” aos modelos carnavalescos e de samba-enredo do Rio de Janeiro, podem ser vistos como forma de pesquisa, não como uma cópia de modo pejorativo. A ideia de cópia faz com que pareça que as escolas daqui não tivessem uma identidade própria, entretanto, há um certo protagonismo da Copa Lord em condicionar o carnaval da cidade a um “padrão carioca”.

Na época, a Protegidos da Princesa era uma escola recém-criada, ainda com uma estrutura pouco desenvolvida se comparada ao que entendemos por uma escola de samba hoje em dia. Sete anos após sua fundação, com a criação da Copa Lord, há um impacto no cenário em direção à uma reconfiguração da disputa logo que a nova agremiação entra em cena.

Conforme argumenta Leite,

[...] somente em 1955 nasceu a segunda escola de samba da cidade, a Embaixada Copa Lord, num momento de declínio do carnaval local e de desarticulação da Protegidos da Princesa, com o objetivo de reanimar a festa. Em seu primeiro desfile, a Copa Lord adotou o samba-enredo *Exaltação a Tiradentes*, feito por Mano Décio, Penteadado e Estanislau Silva para o carnaval de 1949 do Império Serrano. Embora este samba tivesse, em sua apresentação original no Rio de Janeiro, as características que permitem sua classificação como samba-enredo de acordo com os conceitos de Mussa e Simas (2010), aqui não seguiu estas características. Contudo, a sintonia da nova escola com o que era feito no Rio de Janeiro é importante, pois “a tentativa de imitar um padrão carioca será uma das principais forças motrizes das transformações nos desfiles locais” e é sintomático deste papel renovador da Copa Lord que, nos anos seguintes, comece a haver uma diferenciação maior entre escolas de samba e outros agrupamentos carnavalescos (Leite, 2017, p. 45-46).

Segundo Leite, a escola já nasceu com uma “sintonia (...) com o que era feito no Rio de Janeiro” (idem). Acredito que esse é o tipo de observação que merece alguma atenção

²⁶ Carlos mencionou isso algumas vezes durante nossa entrevista, quando falava sobre a comunicação que existe entre as escolas daqui com as do RJ. Mas, sobretudo, essa é uma fala que aparece pontualmente no Podcast Floripa Tem Samba. Disponível em: <https://podcasts.apple.com/no/podcast/floripa-tem-samba-ep-01-carlos-raulino/id1536599194?i=1000495418046&l=nb>

especial se estamos tentando entender qual o lugar da Copa Lord na cidade. É impossível negar que existe uma certa supremacia da atenção midiática, turística e mercadológica concedida ao modelo de carnaval carioca sobre qualquer outro. Por outro lado, seria injusto não relacionar isso com a própria tradição construída ao longo dos anos e consolidada das escolas cariocas no Brasil. O formato de escola de samba, na estrutura concretizada no Brasil, grosso modo, é um processo de retroalimentação do ideal de tradição carnavalesca que perpassa em grande medida o que é feito e consumido no Rio de Janeiro. Não se trata de negar que existam modos distintos de carnaval, mas de reconhecer que, de qualquer maneira, dado o status concedido aos desfiles das escolas cariocas, uma escola cuja estrutura já nasce alinhada com a estrutura carioca surte algum tipo de impacto significativo, tanto para sua própria reputação quanto para o modo de se fazer carnaval na cidade.

As falas de Raulino são emblemáticas nesse sentido, o Rio é um ponto de referência importante para guiar a produção das agremiações. Entretanto, não me interessa tanto aqui, argumentar o lugar do Rio de Janeiro dentre toda a pluralidade do carnaval brasileiro, mas sim, perceber como ele é um parâmetro importante para o que se produz em Florianópolis. Acredito que gerar um imaginário de conexão e similaridade entre os carnavais de Florianópolis e Rio de Janeiro é parte importante para a consolidação do carnaval daqui. Ressalto aqui, mais uma vez, a passagem de Willian Tadeu M. J. Leite sobre essa conexão:

A forma de desfilar do Rio de Janeiro passou a chegar de maneira cada vez mais variada e dinâmica aos produtores e ao público do carnaval de Florianópolis: eram reportagens e transmissões na televisão, matérias e fotografias em jornais e revistas, sambas tocados nas rádios e consumidos em LPs [...] Em uma cidade que transformava seu cenário urbanístico rapidamente através de políticas modernizadoras, as escolas de samba acompanhavam a tendência à modernização, tendo o Rio de Janeiro, um grande centro urbano, como referência. É possível perceber, até 1989, ano do pentacampeonato da Unidos da Coloninha, que as escolas que melhor se adequaram ao novo modelo obtiveram melhores resultados e sobreviveram às transformações, permanecendo em atividade até os dias atuais: Protegidos da Princesa, Embaixada Copa Lord, Unidos da Coloninha e, a partir de 1987, Consulado (Leite, 2017, p. 58-59)

O que proponho aqui é que, essencialmente, falar de carnaval é falar de imagens retidas sobre o Rio de Janeiro. E isso, de forma equivalente, tanto para o público “de dentro” quanto para o “de fora”. Uma cidade que está em conexão com o grande berço do carnaval gera o sentimento de legitimidade para a manifestação. Além de que, torna-se uma consistente característica da cultural local também. Nesse sentido, escolhi compartilhar os relatos das

senhoras da Avenida Hercílio Luz anteriormente. Novamente, aparentemente, *ser Copa Lord* fazia com que elas se sentissem conectadas a uma parte importante da cultura local. *Ser Copa Lord* descreve muitas das imagens retidas tanto do carnaval, quanto da escolha por um morro que lhes fosse mais carismático. Essa seria a mesma resposta da pergunta que direcionei a mim mesma no primeiro capítulo desta dissertação: por que escolhi a Copa Lord lá em 2018?

As imagens e narrativas, o imaginário que criei sobre o carnaval me direcionaram para a Copa Lord e para o Morro da Caixa. Parecia ser o melhor caminho, parecia ser a tradição do carnaval em sua essência estar com esta escola.

CAPÍTULO 4

A MAIS QUERIDA

Este capítulo se volta para a consolidação da Copa Lord como “mais querida”. Aqui reúno recortes de como a escola vai agora adquirindo por si mesma (isto é, estritamente voltada ao carnaval e a sua atividade enquanto agremiação) os contornos do seu lugar privilegiado no carnaval da cidade. Aqui afasto-me um tanto do território e reúno algumas memórias de suas atividades de apropriação deste lugar de destaque.

4.1 O lugar da escola na disputa

Quando você se insere em alguns ambientes do “mundo do samba” é possível notar como existe uma aura singular nas apresentações públicas da Copa Lord, dentro e fora da avenida. Para o desfile, existe uma grande expectativa do grande público em relação à escola. Pela sua importância e história, pela qualidade estética e plástica dos seus enredos, pela solidez que a escola construiu perante o público. É sempre esperado que ela entregue muito na sua passagem na avenida. Do mesmo modo, fora da avenida, ensaios se tornam pequenos shows de rua, concentram um público significativo, viram um acontecimento pelas ruas do centro da cidade. Ali reúnem-se a comunidade do Morro da Caixa que desce para ver a sua escola, os que são apenas transeuntes, os que terminam seus turnos de trabalho, os diversos partícipes do “mundo do samba”. Esses foram eventos que frequentei continuamente na minha pesquisa de campo durante o TCC.

Quando estive no barracão, houve uma noite que Dana tinha fugido um pouco da labuta das fantasias e ido a uma noite de ensaio geral: “Aquilo não é um ensaio, é um show do Copa” ela nos disse no dia seguinte. (...) Era o que aconteceria a partir de janeiro de 2019. Todas as quartas e quintas, salvo em dias de muita chuva, era dia de ensaio geral. Isto é, além da bateria havia a presença do intérprete, grupo musical, primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira, corte da escola, passistas e o casal cidadão e cidadã do samba. A Arena Copa Lord lotava. Vários ambulantes instalavam-se para a venda de bebidas e espetinhos de carne, o público chegava trazendo suas próprias bebidas ou movimentavam o comércio dos ambulantes. Todas as quartas e quintas até a última semana que antecipava o carnaval foi assim. Bebida, comida, dança, samba, riso e fumaça. Os ensaios eram como festas no meio da semana. (SILVA, 2019, p. 30)

Em entrevista, Dona Claudete afirma o quanto é importante para ela ver o público da rua parando para ver sua escola. Ela faz questão de frequentar o máximo de ensaios na Arena que seu corpo que já habita a velha-guarda lhe possibilita.

Apesar de outras escolas realizarem seus ensaios nas ruas, é perceptível como o nome da Copa Lord converte um público mais significativo²⁷. As imagens a seguir trazem convites veiculados nas redes sociais da escola para os ensaios na Arena Copa Lord. Todas as imagens abaixo são divulgações dos ensaios de janeiro de 2017. Percebe-se que já se incorpora a ideia de que este é um *ensaio-show*, não um ensaio qualquer. Embora o conceito de *ensaio-show* já seja uma tradição das escolas do Rio de Janeiro, no caso de Florianópolis a construção de um espaço apropriado para isso no centro da cidade faz com que ele tome proporções de visibilidade ainda maiores.

Na Arena Copa Lord, o público se reúne em um semicírculo ao redor da escola durante os *ensaios-show*. Estes eventos são caracterizados por um alto nível de participação e envolvimento do público. Esses ensaios proporcionam tanto um espaço para a escola se conectar com sua própria comunidade que vai prestigiá-la, quanto em demarcar seu território no Centro. Atrair olhares e o grande público espectador para o seu lado. Esses são eventos de captação de público em alguma medida também. E, também, de testar a energia que o enredo consegue entregar para o público.

²⁷ Um bom comparativo poderia ser os ensaios da Protegidos da Princesa, entretanto, seria injusto. A escola realiza seus ensaios semanais na Passarela Nego Quirido, cujo acesso, apesar de aberto, é um pouco mais trabalhoso e restrito a um espaço à parte da correria da cidade. Sendo assim, não constitui boa parte do evento que escolas que ensaiam no meio da parte movimentada do centro da cidade conseguem promover.

Figura 10: Divulgações no Instagram dos ensaios na Arena Copa Lord, em 2017.



Fonte: Compilação da autora. Imagens do Instagram oficial da Embaixada Copa Lord²⁸.

Atualmente, a Copa Lord possui uma estrutura oficial dividida em dois corpos administrativos, regido por um estatuto e conta com uma diretoria e um conselho deliberativo. Segundo Lima (2008), a diretoria é composta por 12 membros, incluindo o presidente e outros diretores. Já o conselho deliberativo é formado por indivíduos selecionados entre os membros

²⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/embaixadacopalord/>. Acesso em: 5 de novembro de 2023.

mais experientes e idosos da comunidade do Morro da Caixa, que possuem histórico de envolvimento com a escola de samba, seja como ex-presidentes, diretores de carnaval, passistas, ritmistas, compositores, entre outros. No ano 2000, a partir da constituição desse conselho, foi criada também a Velha Guarda da Embaixada Copa Lord que terá seu próprio tópico abordado mais à frente nesta dissertação.

É também pelos anos 2000 que o título de “mais querida” começa a contornar o imaginário da Copa Lord, aparece pelas primeiras vezes nas menções à escola e até nos sambas. Este capítulo caminha agora por um recorte temporal, a fim de entender como o título foi confeccionando-se, especialmente pelos primeiros anos dos anos 2000 e, então, consolidando-se pelos anos subsequentes.

É em meados dos anos 2000 que a Embaixada leva diversos campeonatos, mantendo-se em evidência constante. Se não como grande campeã, pelo menos em destaque com o vice-campeonato. No período de 1999 até 2008 a cidade de Florianópolis já contava com 4 escolas no grupo especial, eram elas: Embaixada Copa Lord, Protegidos da Princesa, Unidos da Coloninha e Consulado. Ainda assim, a década de 2000 foi a mais vitoriosa da escola: após ser campeã em 1999, repetiu o feito em 2000, tornando-se bicampeã com o enredo “*A Terra é boa e tudo dá*”. Conquistou ainda um tricampeonato nos anos de 2002, 2003 e 2004, e mais um título em 2008, com uma homenagem ao centenário da imigração japonesa no Brasil. Em 2010 e 2018 a escola conquistou os seus últimos títulos, totalizando 20 ao longo de sua história. Importante ressaltar que a escola se manteve no mínimo em terceiro lugar dentro de todo o período de 1995 a 2019. A tabela abaixo²⁹ mostra o cenário completo da escola por todo o período de 1999 a 2023:

Ano	Colocação	Enredo
1999	Campeã	<i>Cruz e Sousa, o Cisne Negro da Literatura Universal.</i>
2000	Campeã	<i>A Terra é boa e tudo dá.</i>
2001	2.º lugar	<i>Vento em sinfonia, a Família Schürmann vai zarpar</i>

²⁹ Essa tabela e relação, assim como a de anos anteriores, pode ser encontrada em https://carnaval.fandom.com/pt/wiki/Copa_Lord

2002	Campeã	<i>Negros em Desterro.</i>
2003	Campeã	<i>Teatro Álvaro Carvalho. Retratos do Tempo, Onde a Arte Imita a Vida.</i>
2004	Campeã	<i>Sob a Luz da Ponte Hercílio Luz.</i>
2005	2.º lugar	<i>Nesta representação do morro o seu nome já marcou na história - Embaixada Copa Lord 50 Anos de Glória.</i>
2006	3.º lugar	<i>Sexta-feira... Noite de Lua Cheia! Tem Cheiro de Bruxa no Ar! Larga de Bobagem Menina.</i>
2007	2.º lugar	<i>São José da Terra firme – Terra sem males.</i>
2008	Campeã	<i>Matsuri em Sankateríni</i>
2009	3.º lugar	<i>Canopus: A Estrela de Alexandria Brilhando por Santa Catarina</i>
2010	Campeã	<i>...Marrackech...Fantástico Mundo Mágico na Terra do Sol Poente</i>
2011	2.º lugar	<i>Enfim...há mãos... e mãos! As tuas quais são?</i>
2012	3.º lugar	<i>O ponto é chique, a Felipe Schmidt é charme, Floripa é show</i>
Em 2013 não ocorreram desfiles.		
2014	3.º lugar	<i>Quem você pensa que é, sem a força da mulher. Copa Lord saúda D. Uda, as mulheres do Morro e as mulheres do Mundo!</i>
2015	3.º lugar	<i>Os filmes que marcaram as nossas vidas</i>
2016	3.º lugar	<i>Eu sou a mais querida, não posso negar...vou com a Copa Lord pelo Brasil Festejar</i>
2017	2.º lugar	<i>Eu sou filho do batuque, neto do Abatá-kotô</i>
2018	Campeã	<i>Manjerição - Um banho de fé</i>
2019	2.º lugar	<i>O mestre-sala do Céu</i>
2020	6.º lugar	<i>Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça. Vilson Groh o Sacerdote das comunidades.</i>
Em 2021 e 2022 não ocorreram desfiles devido à pandemia de Covid-19.		

2023	4.º lugar	<i>O orocongo do Gentil</i>
2024	Em andamento	<i>Praça XV, Paulo Fontes e Nego Quirido. Um manifesto pelas escolas de samba</i>

O que chama atenção são especialmente dois fatores: 1) a consistência da escola entre as campeãs no carnaval da cidade³⁰ e 2) a presença significativa de enredos com temas locais. Tudo isso retém memórias positivas no grande público. Primeiro por provar a potência criativa e sua legitimidade enquanto escola de samba. Segundo, porque enredos locais não só aproximam o público, mas aproximam holofotes para a escola.

A constante veiculação de matérias com enredos locais na TV e, agora, nas redes sociais, divulga a escola. Isso porque conforme o carnaval se aproxima são inúmeras as matérias dos jornais locais sobre os preparativos da escola. Enredos locais são muito explorados nestas matérias, eles direcionam não apenas para os preparativos da escola em seus barracões, mas também, para a exploração de matérias mais historiográficas dos assuntos. Quanto mais o tema é explorado, mais a escola é veiculada ao tema.

Além disso, estar entre as campeãs faz com que a escola esteja sempre em evidência durante o período de carnaval da cidade, seja no circuito carnavalesco do mundo do samba, seja nos noticiários locais gravando seu nome nos ouvidos mais distantes à cena. Estar sempre no pódio, traz prestígio, reputação e legitimidade. Obviamente, também reforça a característica mais importante para as escolas de samba, que vai consolidando sua tradição.

Outro ponto que demonstra como a escola se apresenta no circuito de carnaval é suas cores. Tramonte menciona a questão do Lord e da aristocracia na história e nome da escola. que uma das características da escola é a escolha pelo luxo, uma de suas cores é o amarelo/dourado. Willian Tadeu M. J. Leite menciona isso em nossa entrevista, que é muito fácil utilizar as cores da escola na avenida, ele diz que amarelo/dourado e vermelho funcionam muito bem na avenida visualmente. Ele faz essa fala em comparação a Protegidos da Princesa, onde também atuou como carnavalesco. Segundo ele, as cores da Protegidos eram muito difíceis de serem trabalhadas na avenida.

Menciono isso pois demarcar o seu lugar na disputa é também feito com comunicações não-verbais. Marcar uma presença constante das cores é sempre destacar seu nome, visto que as cores são características importantes das escolas.

³⁰ Embora, seja notável uma queda brusca nos anos de 2020 e 2023.

4.2 A Velha Guarda

O livro *Quem vem lá? A história da Copa Lord*, de Abelardo Blumenberg, mais conhecido como Avez-Vous, é um ícone na historiografia da escola de samba Embaixada Copa Lord. Ele é um dos fundadores da escola e compartilha relatos e memórias desde a fundação até os dias atuais da publicação (2005). O livro aparece em qualquer bibliografia da produção sobre a escola, por ser o único registro publicado sobre ela para além da academia. Um dos capítulos chama-se “A velha guarda, a tradição da Embaixada Copa Lord que encanta Floripa” (BLUMENBERG, 2005, p. 162). O nome do capítulo é acurado para o quero delinear aqui. A velha guarda é um componente importante na trama da tradição.

As velhas guardas são grupos formados pelos membros mais antigos de uma escola de samba, elas desempenham um papel fundamental na preservação das tradições do carnaval brasileiro e para a cultura do samba e, principalmente, para o legado e identidade de suas respectivas escolas. Para compor uma velha-guarda é necessário ter vínculo e vivências significativas com a história da escola em questão. Ela é um grupo essencialmente importante para a identidade dessas escolas, afinal, grande parte dessa identidade se dá por meio da evocação de uma noção de “tradição”. A ideia que fundamenta a noção de “tradição” é a de transmitir algo de uma geração para a próxima, preservando as práticas da escola e ao longo do tempo.

Muitos integrantes das velhas guardas são veteranos que participaram de momentos marcantes ao longo da história das escolas de samba, composta principalmente por seus fundadores e membros notáveis, passistas, mestres de bateria e ritmistas antigos. Eles carregam consigo a memória viva de desfiles históricos, vitórias e lutas, representando uma conexão direta com o legado das agremiações. Esse é, inclusive, um critério importante para poder participar, não apenas a idade mínima que pode variar de acordo com cada escola, mas, sobretudo, que sua relação com a escola seja estreita e longa. Afirma Pinheiro (2014), que a idade é um atributo importante, mas é complementar ao critério da vivência na escola. Isto é, existe uma flexibilidade entre essas duas características porque ambas costuram o lugar da tradição no imaginário.

A velha guarda da Copa Lord foi o primeiro grupo oficial de velha guarda do carnaval de Florianópolis³¹. Segundo Blumenberg, a primeira tentativa de montar uma velha guarda partiu dele mesmo em 1999, mas ela só foi se concretizar com a organização de Carlos Raulino no ano seguinte:

O garoto em questão [Carlos Raulino], unindo-se a nossos ideais, tornou-se nosso empresário. Organizamos na Velha Guarda, dois grupos: um para desfilar; outro, denominado Coral, para apresentações públicas. Carlos esmerou-se na propagação de eventos, cedendo-nos, inclusive, o Grupo Bom Partido para nos auxiliar nos eventos musicais. Elegantemente fantasiada num total de quarenta coroas, a Velha Guarda desfilou oficialmente no ano de 2002, defendendo o enredo 'Negros em Desterro'. (Blumenberg, 2005, p. 160)

Carlos Raulino é pesquisador de samba há mais de três décadas. Além da Velha Guarda da Copa Lord, foi fundador do Grupo Um Bom Partido, e contribuiu com a formação do grupo musical da Velha Guarda da Coloninha e da Protegidos da Princesa em anos posteriores. Ele nasceu no Morro da Caixa e participou da bateria da Copa Lord, mas não por muito tempo. Eu o entrevistei em fevereiro de 2022 para esta pesquisa. Segundo Carlos, a tentativa de montar uma velha guarda partiu dele em 1996, ele queria um grupo musical no estilo velha guarda, com pastoras. Nas escolas de samba, as mulheres que cantam (especialmente em coro) são conhecidas como pastoras ou pastorinhas.

Ele conta que sua vontade era formar um grupo para “cantar e contar histórias” e formou-se assim o Grupo Musical Velha Guarda da Copa Lord. Ele diz que a velha guarda é uma espécie de institucionalização da memória e histórias das escolas. E as velhas guardas de fato vêm sendo reconhecidas como tal, tanto que em 2023, ano de seu centenário, a Velha Guarda da Portela tornou-se patrimônio imaterial da cidade do Rio de Janeiro³². Apesar da Portela e outras escolas já terem sido declaradas patrimônios pelo Estado em 2021, ela é a primeira cujo patrimônio é especificamente a sua Velha Guarda.

³¹ Importante destacar que existem duas modalidades de Velha Guarda, a de avenida e o grupo musical. Quanto à avenida, algumas pessoas apontam que a Coloninha foi a primeira a lançar a ala na avenida em 1994. Entretanto, como um grupo instituído seja ele de avenida ou musical, a Copa Lord teria sido a primeira.

³² Fontes: <https://diariodoporto.com.br/velha-guarda-da-portela-vira-patrimonio-imaterial-do-rio/>. Acesso em 07 de junho de 2023.
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-12/portela-e-patrimonio-imaterial-do-estado-do-rio-de-janeiro>. Acesso em 07 de junho de 2023.

Quando uma expressão cultural, como as velhas guardas, é reconhecida como patrimônio imaterial, significa que ela possui um valor cultural significativo e deve ser preservada como parte do patrimônio coletivo de uma comunidade, região ou país. Ao se tornarem patrimônio imaterial, as velhas guardas ganham uma maior proteção legal e institucional. Isso, teoricamente, ajudaria a evitar a descaracterização ou o desaparecimento desses grupos. As políticas de preservação podem incluir regulamentações, incentivos e mecanismos de salvaguarda que garantam a continuidade das práticas culturais das velhas guardas a longo prazo. Esse reconhecimento reforçaria sua importância cultural, promoveria sua preservação e fortaleceria sua posição na sociedade.

Tudo isso não deixa de elevar o status da tradição. Esse é um lugar usado para reivindicar uma certa autenticidade, na disputa pela importância cultural e social de cada escola. A presença de uma ala idosa legitima essa constante no carnaval de um apego ao passado como um lugar melhor que o presente, menos mercantilizado, por exemplo. Nela o passado é reiteradamente caracterizado como superior, mais genuíno, menos corrompido e mais romantizado:

A profissionalização e a contratação de pessoas externas às Escolas de Samba trazem um distanciamento, para Seu Ari, do que realmente é “amor” pelas Escolas de Samba. A itinerância presente entre os profissionais que trabalham nas Escolas de Samba é posta por Seu Ari como uma das dificuldades para se relacionar por mais tempo e criar vínculos, como ocorre com a Velha Guarda. Assim, a Velha Guarda se diferencia de outros grupos, por ser composta por pessoas que têm uma longa história com a Escola de Samba. (Pinheiro, 2014, p. 48)

A velha guarda da Copa Lord opera em duas pontas. Atua como esse corpo que salvaguarda a tradição e também como um conjunto musical independente da escola, isto é, por mais que leve o nome da escola e sua identidade, ela também realiza eventos fora do contexto apenas carnavalesco, atuando como um grupo independente no “mundo do samba”.

Este ingresso na indústria cultural faz da Velha Guarda um grupo inserido na dinâmica do mercado musical. Situações como o Encontro no Praça Onze e o preparo para a Gravação do DVD, ressaltaram esta profissionalização que não está presente no discurso deles, mas que é valorizada como uma marca do grupo em ser a primeira Velha Guarda Musical, a primeira a se organizar formalmente, buscando um profissionalismo (...) por outro lado, a dinâmica da indústria cultural desenvolve outras formas de tornar a própria Velha Guarda um produto. Nas apresentações pude perceber o quanto as pessoas têm carinho e se aproximam da Escola de Samba por outro viés, um viés mais afetivo. A Velha Guarda significou outra possibilidade de

se falar e consumir o produto musical samba e Escola de Samba. (Pinheiro, 2014, p. 89)

A gravação do DVD “Tradição: o som das Velhas Guardas de Florianópolis” com as Velhas-Guardas da Coloninha, Protegidos e Copa Lord foi um projeto contemplado pelo Edital Elisabete Anderle de 2013³³.

4.3 “*Eu sou a mais querida, não posso negar*”

Como já vimos, “é a mais querida” é uma menção que emana alguma força sobre o carnaval da Ilha. A primeira aparição do termo “mais querida” que encontrei foi em 2004³⁴, no samba-enredo Sob a Luz da Ponte Hercílio Luz, composta por Celinho da Copa Lord, Edu Aguiar e Januário. Gilson Célio Veloso, o Celinho da Copa Lord, é o compositor mais icônico da escola. Segundo Fabíola Falconi,

Celinho é compositor de sambas desde 1978, tendo composto 19 sambas para a Escola de Samba Embaixada Copa Lord, entre eles o Hino da Velha Guarda da Escola. Já Edu da Silva Aguiar é compositor desde os treze anos de idade, tendo ingressado na Embaixada Copa Lord no ano de 1982, a convite da agremiação. A partir de 1985, começou uma parceria com Celinho construindo e emplacando vários sambas nota dez, como o de 2012, que fala da história da Rua Felipe Schimdt e sua relação com Florianópolis. No ano de 1984, inicia a construção de diversos enredos para a mesma Escola, consagrando seu nome no carnaval de Florianópolis. (FALCONI, 2016, p. 47-48).

O samba cujo tema é a Ponte Hercílio Luz, cartão postal de Florianópolis, tem a primeira aparição da expressão “a mais querida”. Entretanto, na nossa entrevista em janeiro de

³³ O projeto foi um dos contemplados pelo edital Elisabete Anderle 2013. O edital é promovido pela Fundação Cultural Catarinense. O DVD, que inclui um show gravado e um documentário, foi lançado em fevereiro de 2015. A gravação foi realizada em 2014, no Teatro Ademir Rosa e contou com a presença das Velhas Guardas da Copa Lord, Protegidos da Princesa e Coloninha. Essas informações encontram-se, juntamente com os vídeos do DVD, disponíveis no YouTube.

Cf. Documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=xFkdgoYRniI> . Acesso em 19 de junho de 2023.

Cf. Show: <https://www.youtube.com/watch?v=QdmeqfS9Ezc> . Acesso em 19 de junho de 2023.

³⁴ Essa informação foi depois confirmada em entrevista tanto por Willian Tadeu quanto por Celinho. Ambos foram entrevistados por mim em 2022.

2022, Celinho afirma que esse era ainda um “mais querida” direcionado apenas à composição do samba, isto é, focado em atender a letra, rítmica e temática da composição. Nesse sentido, “mais querida” refere-se à ponte mencionada e não exatamente à escola. A expressão aparece apenas no refrão da letra que segue abaixo³⁵:

Através do tempo, a arquitetura faz história
Transformando sonhos em artes monumentais
Maravilhas que encantam a humanidade
Simbolismo do poder da criação milenar
Que hoje vem nos fascinar
Sob a proteção do deus Vulcano
Ferros se entrelaçam em harmonia
Nessa magia, o aço fez evolução
Preciosa peça da criação

Balança, balança
Balança a mais querida
Copa Lord traz cartão postal pra avenida

Um cordão de luz em noites de luar
Reflete a sua grandeza nas águas do mar
A oitava maravilha do mundo
Trouxe a riqueza pro cenário de beleza
Ponte Hercílio Luz, fonte de luz cruzando o mar
Ponte Hercílio Luz, vem nos encantar

Embalado, eu vou
No balé do vento sul
Com a ponte que inspirou
Emoldurada pelo céu azul

Esse é um enredo campeão, além de ser um samba de destaque na história da escola. Nos esquentas na Arena Copa Lord ou em festas nas quadras, quando sambas famosos e importantes para a história da escola são lembrados, este está sempre presente.

Entretanto, o “mais querida” vem com uma potente parte do samba. Geralmente refrões são espaço de exaltação da própria escola. Esse samba talvez tenha simbolicamente

³⁵ Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/srcs-embaixada-copa-lord-sc/1487366/>. Acesso em 9 de agosto de 2023.

unido as duas coisas, ele trouxe a ideia de “mais querida” vinculada a um refrão. Segundo Celinho, ele acha que as pessoas passaram a utilizá-lo depois disso, acredita que algum jornalista tenha feito a primeira menção à Copa Lord como mais querida. Edu Aguiar compartilha da mesma opinião, embora nenhuma dos dois demarcar quem foi ou não afirmam isso com muita certeza. A fala jogada no ar.

Em 2016, a escola assume pela primeira vez o título em um enredo e leva o terceiro lugar com *Eu sou a mais querida, não posso negar...Vou com a Copa Lord pelo Brasil Festejar*.³⁶ Aqui é como se a narrativa e associações informais do público com a ideia de “mais querida” surtissessem um efeito na própria escola. Eles se apropriam do termo e passam a defendê-lo como o bordão da escola.

Apesar de tão consolidado, a apropriação é relativamente recente. Entretanto, a notoriedade da escola já era significativa mesmo antes da adoção. Nesse sentido, acredito que o bordão intensifica esse processo. De qualquer maneira, o que tentei demonstrar até aqui é o caminho que o processo faz até os dias de hoje. Ele é longo, porque acontece aos poucos. É feito de muitas camadas, muitos pormenores. No entanto, são elas que vão criando aos poucos o imaginário sobre a escola. Ainda há mais uma que considero relevante, a seguir.

4.4 O diploma de “mais querida”

Na esquina entre as ruas Felipe Schmidt e Trajano, encontrava-se o Café Ponto Chic, conhecido popularmente como Senadinho. Esse estabelecimento, construído em 1948, foi um dos pontos de encontro mais movimentados da cidade. O “Senadinho” foi um apelido que surgiu devido a uma brincadeira feita por um jornalista local com os frequentadores assíduos, chamando-os de “senadores”. Essa brincadeira acabou formando uma espécie de clube, com eleição de um presidente e até mesmo a criação de um diploma. Segundo Souza em *Café Ponto Chic como um espaço de memória: uma discussão sobre patrimônio cultural, convivência e o Café Senadinho*, “o principal ritual da confraria era a entrega anual de “diplomas” aos escolhidos “senadores”, que eram, em sua maioria, personalidades da cidade que frequentavam o café.” (2014, p. 24). O diploma vinha em nome de *Senatus Populusque Florianopolitanus*, uma espécie de sátira que aludia ao *Senatus Populusque Romanus*.

³⁶ Infelizmente, não encontrei a letra desse samba disponível online.

O Ponto Chic/Senadinho costumava aglomerar personagens conhecidos da vida da Ilha, ou ainda, passagens nacionais importantes como a do então presidente João B. Figueiredo em 1979, no contexto da Novembrada. Ainda, segundo Souza (2014), o local era um ponto fervoroso e importante de encontro da elite política da cidade.

Por intermédio das notícias levantadas para esta pesquisa, foi possível perceber que, desde sua inauguração, os jornais tiveram um importante papel na construção de determinadas representações sobre o Ponto Chic e a Confraria Senadinho. Em tais notícias havia um esforço de construir a ideia de que o Café era um espaço de sociabilidade legítimo de apenas determinados grupos de moradores da cidade. Nas notícias veiculadas a respeito do Ponto Chic nos seus primeiros anos de existência, em fins da década de 1940, o Café é descrito como um local luxuoso e requintado, indicando que os seus frequentadores igualmente deveriam possuir as mesmas características. Isso nos leva a crer que possivelmente se tratava de um estabelecimento frequentado por partes da elite da cidade. (...) Foi apenas a partir de 2004, no contexto em que se tentava reabrir o Café e justificá-lo como um patrimônio da cidade, que o tom nas notícias a respeito principalmente da confraria se modificou: o Café e a confraria tornaram-se uma coisa só e passaram a representar um espaço frequentado por todos os moradores da cidade, símbolo da “tradição” e da “cultura manezinha”. (Souza, 2014, p. 29-30)

Em novembro de 2011, a Copa Lord recebeu um dos diplomas. A honraria era concedida a indivíduos que se destacaram em suas respectivas áreas na cidade de Florianópolis e, que representavam um retrato da Ilha de Florianópolis. O título era entregue durante as comemorações do aniversário da cidade, em 23 de março, no próprio espaço do café.

O Senadinho era também um ponto de encontro para Avez-Vous, visto que era ponto de encontro da classe política. Ele foi vereador em 1969 e era, portanto, um frequentador do estabelecimento. Sua articulação entre os morros e o estabelecimento da alta classe política florianopolitana certamente teve impacto na trajetória da escola, como visto anteriormente.

Figura 11: Diploma concedido à Copa Lord



Fonte: Foto de Edu Aguiar concedida à autora.

Quem me apresentou o diploma foi Edu Aguiar em entrevista realizada em sua casa em fevereiro de 2022. Embora ele tenha mencionado que este era um diploma de “mais querida”, esta menção não está no texto do documento. Edu foi compositor da escola e atuou ao lado de Celinho da Copa Lord por diversas vezes³⁷, também desenvolveu enredos. Edu foi um dos compositores do samba de 2012, *O ponto é chique, a Felipe Schmidt é charme, Floripa é show*³⁸. Em entrevista para a dissertação de Fabiolla Falconi Vieira, Edu menciona o contexto por trás do enredo e samba, como uma forma de exaltar Florianópolis.

³⁷ Agradeço à Edu por me receber em sua casa a postos com vários materiais da escola e, especialmente, por me ceder uma cópia do Diploma para a pesquisa.

³⁸ Compositores: Celinho da Copa Lord, Edu Aguiar, Mará, Tom-Tom, Gustavo Lopes, Boqueira, Duda, Marcus da Lagoa. Disponível em: <https://soundcloud.com/celinhodalord/o-ponto-chic-felipe-schmidt>. Acesso em 8 de agosto de 2023.

Ela se viu voltada pelo momento de identificação pela própria cidade. Da cidade com a própria Embaixada Copa Lord. Que foi feito um levantamento e desse levantamento, 64% da pesquisa as pessoas tinham uma forte interação pela Embaixada Copa Lord. E pelo meu contato com o pessoal do Ponto Chic e com pessoas ligadas à cultura da cidade, também sendo simpatizantes da Copa Lord. Levando essa história pra eles e focando essas três palavras: chique, charme e show. Ficou um prato feito pra aquilo que já tava sendo feito pela mídia em termo de divulgação da cidade como venda de produto turístico. (Aguiar *apud* Vieira, 2016, p. 48)

Não fica claro porque meios e como esse levantamento mencionado por Edu acontece. Mas segundo a autora, “o enredo seguiu uma tendência percebida pelos componentes da própria Escola em relação ao momento histórico do tempo presente vivido por Florianópolis: a promoção da capital do estado como local turístico.” (idem).

No entanto, em 1967, com o fechamento da Confeitaria Chiquinho e do Café Nacional, pessedistas e udenistas passaram a frequentar o Café Ponto Chic. Esse aspecto corrobora a imagem do Ponto Chic como “herdeiro” de uma tradição política da cidade. De acordo com os painéis: Muitos saudosistas lembram dos tempos que o Ponto Chic era frequentado até pelo Presidente da República, Nereu Ramos. E também por governadores, senadores, deputados e altos funcionários. A dimensão da cidade favorecia aquele ambiente informal, onde casos, anedotas, intrigas e fofocas políticas circulavam. Como se vê, para os sujeitos que construíram o memorial, o fato de ser frequentado por políticos e altos funcionários confere importância ao Café Ponto Chic. Não era uma cafeteria qualquer, afinal, era frequentada até pelo Presidente da República! Nesse sentido, os painéis tendem a demonstrar que a importância do Ponto Chic está configurada, principalmente, no fato de ter abrigado a elite política da cidade ao longo dos anos. (Souza, 2014, p. 32)

Souza menciona ainda a existência de uma coluna no *Diário Catarinense*, chamada “Trovas do Senadinho” escrita pelo membro da Academia Catarinense de Letras Edy Leopoldo Tremel. A autora não menciona e não encontrei a informação sobre a frequência da coluna, mas, visto que o DC foi o jornal impresso de maior projeção na capital e no Estado, é possível observar o lugar do Senadinho na história de Florianópolis.

Quase como um mito fundador da Ilha, existe a ideia de que o Senadinho “elegeu e expulsou políticos, acolheu e derrubou técnicos de Avaí e Figueirense, alimentou discussões e sediou até um incidente de repercussão nacional...”³⁹

³⁹ Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/senadinho-deixa-uma-historia-de-saudades-no-centro-de-florianopolis> . Acesso em 8 de agosto de 2023.

Já corria em novembro de 2011 a confecção do carnaval de 2012, o que levaria ao questionamento de quem veio primeiro: o enredo ou o diploma conferido à Escola pelo famoso Senadinho. Sem dúvidas, eles caminham em conjunto para a exaltação e promoção tanto do lugar (i.e., Senadinho e/ou a própria Florianópolis) quanto da escola de samba em questão. O samba abaixo⁴⁰

Ponto Chic é um mundo de recordações
Abraçando o passado e o presente
Histórias douradas de tempos que não voltam mais
Curtindo um jogo de cartas e dominó
Sem pressa de ver a vida passar
Fofoca não pode faltar, senadinho plenário popular
Rua bela abraça o progresso com tua alegria
Agitando desejo e fantasia
Na arte de vender e de comprar
Na esquina da saudade o aroma está no ar

Aos carnavais do passado eu vou
Quantas lembranças essa rua me traz
Sou Copa Lord, eu sou, meu samba tá em cartaz
Felipe Schmidt teu charme é demais

Floripa musa da poesia inspira a cantar
O “Rancho de Amor à Ilha” em harmonia
Com a brisa que vem lá do mar
Onde o luar se veste de magia
E as bruxas soltas com seu caldeirão
Essa terra tem mistérios, oh divina sedução
E o lindo sol da manhã encanta o meu despertar
Num simples gesto de amor e liberdade
Abençoando a quem sabe te amar
Paixão no coração dessa cidade

Quem vem lá
É a comunidade guerreira
Valente e faceira a comemorar
Floripa é show é de arrepiar

⁴⁰ Letra disponível em: <https://soundcloud.com/celinhodalord/o-ponto-chic-felipe-schmidt> . Acesso em 8 de agosto de 2023.

Assim como a própria Copa Lord, o Senadinho é um ícone da cultura local. Aqui é como se toda a camada burguesa e pequeno-burguesa do Senadinho concedesse legitimidade ao seu patamar tanto à escola quanto à comunidade do Morro da Caixa.

Sendo o Senadinho um lugar, sobretudo, de encontro político. Considero essa camada relevante de ser mencionada, a proximidade da diretoria da escola com os políticos locais e o impacto causado pela adesão de figuras políticas e sociais importantes de Florianópolis aos seus desfiles como as famílias Bornhausen, Amin, Koerich, Ideli Salvatti, Aldírio Simões, Moacir Benvenutti entre outros (Blumenberg, 2005). Isso obviamente reforça mais uma vez um certo prestígio da escola. Claro que havia figuras importantes vinculadas à Protegidos da Princesa, como há hoje em outras escolas. Entretanto, segundo Blumenberg (idem), a adesão a essa camada da sociedade à Copa Lord é precoce. Não só precoce, como de participação massiva das famílias mais importantes da cidade nos desfiles da escola.

Esse tipo de imagem sendo veiculada à escola desde os anos 80, vai criando as primeiras memórias de sua reputação, primeiras sementes da importância da escola no cenário cultural da cidade.

4.5 A escola na mídia

A relação entre as escolas de samba e a mídia desempenha um papel significativo na promoção tanto das instituições das escolas quanto dos desfiles. Assim como a plasticidade, enredos e sambas, a cobertura midiática é uma parte intrínseca desse espetáculo. Durante as transmissões dos desfiles pelos grandes canais de televisão, a narrativa dos comentaristas age quase como um holofote extra que ilumina as escolas de samba enquanto realizam suas apresentações. Essa é uma narrativa que é totalmente focada no público espectador de casa e que tenta abarcar a complexidade do desfile que acontece na avenida. Interessante notar que cada público acaba por receber um estímulo diferente, se por um lado, o público nas arquibancadas tem acesso a totalidade da energia, som e plasticidade do desfile.

Assim, a visibilidade proporcionada por esse holofote faz com que as escolas possam alcançar públicos que vão muito além dos limites das avenidas onde os desfiles acontecem ou de suas quadras e territórios.

Essa visibilidade é uma vitrine para a cultura do carnaval para os “de fora”. Nesse sentido, comentários, reportagens, a própria narração do desfile etc. desempenham um papel fundamental na construção da narrativa e do imaginário em torno das escolas de samba. Isso pode reforçar sua importância cultural, como por exemplo, o prestígio da Mangueira no cenário não apenas do Rio de Janeiro, mas como um dos maiores símbolos do carnaval a nível nacional. Ao fazer isso, cria-se uma teia de conexões e afinidade entre as escolas e um público que não é necessariamente o grande consumidor do “mundo do samba”.

Não se trata apenas de criar expectativas quanto ao desempenho das escolas no fatídico dia de avenida; a mídia também pode influenciar a maneira como o público percebe o desempenho de uma escola. Se uma escola recebe cobertura positiva antes do desfile, o público pode assistir com olhos mais favoráveis, já predisposto a torcer e apreciar sua apresentação. Do mesmo modo, as escolas valem-se do poder da narrativa criada para a transmissão do desfile, como aponta o historiador e carnavalesco Leite (2017):

É possível perceber, superficialmente, que a era da transmissão televisiva tornou os materiais mais complexos: as sinopses dos enredos se tornaram mais extensas e detalhadas e os roteiros de desfile explicam mais densamente as alas e carros alegóricos, o que passa a ser uma necessidade fundamental para a televisão. No caso de Florianópolis, as transmissões televisivas foram, até a década de 1990, marcadas por certa informalidade e pouco compromisso com a narrativa dos enredos. O narrar da televisão era mais preocupado com os acontecimentos na pista e as opiniões de comentaristas eram evadas de maior teor crítico. A partir da década de 2000, sobretudo com o monopólio de transmissão da RBS TV iniciado em 2006, há uma adesão gradual ao “padrão Globo”, marcado pela descrição de cada ala e carro alegórico. (...) A narrativa com maior complexidade passa a ser possível quando é voltada para a televisão, ou seja, quando a escola de samba passa a produzir uma narrativa não mais voltada apenas para o público das arquibancadas, mas para um público muito maior que, em sua maioria, verá os desfiles por intermédio da televisão, com a reconstrução narrativa que a transmissão faz. (Leite, 2017, p. 31-32)

No entanto, é importante reconhecer que a relação entre as escolas de samba e a mídia também pode ter suas nuances. Assim como a luz revela o brilho, ela também pode mostrar imperfeições. Cobertura midiática negativa, críticas desfavoráveis ou foco em problemas internos podem desafiar a reputação de uma escola. Portanto, as escolas frequentemente buscam manter relacionamentos construtivos com a mídia, fornecendo informações precisas e acessíveis, enquanto trabalham para minimizar possíveis obstáculos.

Ainda, segundo Leite (2017),

O grande público do carnaval passou a estar em casa, acompanhando as escolas de samba pela televisão, com uma engenharia narrativa própria. Para atingir este público, era possível e até recomendável que as escolas de samba trouxessem histórias mais densas e complexas, pois haveria quem esmiuçasse o significado de cada elemento para o receptor. Desfile para a televisão é tão importante que a postura do componente muda quando percebe uma câmera enquadrando sua imagem, voltando-se para ela com sorrisos e mesuras. Ambas as forças motrizes estão intrinsecamente vinculadas uma à outra, pois fazem parte da busca das escolas de samba pela inserção no mercado de bens simbólicos, pelo campo do carnaval, e da busca pelo lucro da indústria cultural em seus investimentos capitalistas nas escolas de samba como bem simbólico consumível. (...) É importante, também, salientar o papel da repetição anual dos desfiles, das reportagens, do padrão de comentários como **familiarizador** de códigos compartilhados para o público médio, que passa a ter uma compreensão geral do funcionamento dos desfiles que se converte em expectativa. (Leite, 2017, p. 109 - 110)

Além disso, segundo Tramonte, “a escola de samba é uma instituição carismática”⁴¹. O grande público espectador é pescado por ela. Seus discursos são muito românticos. A empatia é gerada pelas imagens veiculadas à ela, pela frequência de sua aparição na mídia, pelos afetos a quem se vincula à ela etc.

Segundo Willian Tadeu em entrevista, ele afirma que um fator que ele considera importante é o fato de que o Morro da Caixa é passagem para chegar às principais emissoras de televisão de Florianópolis. Acredito que isso gera, dois impactos: 1) a familiarização do corpo de funcionários das emissoras com o Morro da Caixa, o que conseqüentemente, reforça esse “carisma” já preexistente com o Monte Serrat; 2) a maior veiculação do Monte Serrat na mídia pelo fácil acesso. Logo, mais imagens positivadas são veiculadas ao grande público sobre a comunidade, incluindo sobre sua escola.

Assim sendo, é importante se atentar para o caráter sempre midiático das escolas de samba,

[...] as escolas de samba contam com um aspecto da nossa contemporaneidade: o show de grande porte, que faz delas um dos maiores eventos midiáticos, consumido como produto que fala de si como atividade artística e, por isso mesmo, entendido como produto midiático, como um grande negócio

⁴¹ Fala realizada no Podcast Jabuticaba Sem Caroço #222 - É época de folia: o Carnaval nos quatro cantos do Brasil. Entrevista com Cristiana Tramonte e Daniel de Thomaz. [Podcast]. 2023. Disponível: em: <https://sputniknewsbr.com.br/20230222/e-epoca-de-folia-o-carnaval-nos-quatro-cantos-do-brasil-27676149.html>

Acesso em: 20 de outubro de 2023.

envolvendo a televisão, a indústria fonográfica e a indústria do turismo. (GARCIA; COSTA; MENDES, 2016, p. 105)

Além disso, Willian Tadeu M. J. Leite, levante um ponto que considero importante sobre a cobertura dos desfiles,

A postura crítica foi gradativamente abandonada para dar lugar a um esquema narrativo que conduz por um desfile de belezas com desfecho quase sempre apoteótico. Com o fim das transmissões da Manchete e o monopólio da Globo nas transmissões do carnaval carioca, acabaram as possibilidades de comparações entre modos de ver os desfiles e a emissora ficou mais à vontade para pasteurizar seu objeto de consumo. Substituiu-se então a lógica da competição pela lógica do espetáculo e as transmissões passaram a ser sempre elogiosas aos desfiles, com raras exceções. (Leite, 2017, p. 85)

Considero relevante essa passagem, afinal, a lógica elogiosa do desfile torna-se sobretudo uma lógica elogiosa de suas comunidades, convertendo mais uma vez essa equação entre escolas e territórios como algo uno. Nesse sentido, existe nos veículos de mídia da cidade um discurso sempre muito coeso e constante que exalta características muito mais positivas do Monte Serrat do que qualquer outra comunidade periférica da cidade, pontuei isso em alguns momentos diferentes desta dissertação. Tudo isso contribui para alavancar cada vez mais a reputação da Copa Lord, deixando-o em evidência na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O EFEITO COPA LORD

Em *A natureza do espaço*, Milton Santos busca argumentar a favor do que chama de uma “geografia da ação”, onde a ação social toma um lugar de importância superior ao espaço. Nesse caso, o espaço é consequência da ação humana sobre ele e a ação torna-se a “principal unidade de análise” (1999, p. 54). Assim, o espaço existe para todos, porém é a ação que o historiciza. Isto é, torna-se um território, um elemento em perspectiva histórica. A ação humana é a característica principal do que podemos chamar de território. Essa é também a narrativa mais comumente vinculada ao Morro da Caixa.

Nesse sentido, o Morro da Caixa molda seu status apoiando-se em sua própria história. Os usos que os moradores fazem de sua própria história é uma teia narrativa que sempre se entrelaça no intuito de mostrar como eles mesmos construíram seu lugar e conquistaram.

Tomemos novamente essa passagem de Milton Santos, “a psicofera é um reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido (...), fornecendo regras à racionalidade ou estimulando o imaginário” (Santos, 1999, p. 204). Justamente, a ideia deste trabalho foi a de esmiuçar um pouco este forte imaginário que molda tanto o Morro da Caixa, quanto a Embaixada Copa Lord.

Tentei combinar os olhares da Geografia e da História para pensar a trajetória da Copa Lord em uma perspectiva antropológica. Obviamente, todas as escolas de samba, sejam elas daqui ou do Rio de Janeiro, são instituições atravessadas por algumas tramas geopolíticas similares. Talvez a questão seja aqui, muito mais no sentido de apontar quais os usos particulares que a Copa Lord faz de suas próprias narrativas. Não obstante, quis mostrar como existe uma sincronicidade entre escola e cidade. A escola produz um efeito sobre a cidade e vice-versa. A comunidade do Morro da Caixa sabe como fazer isso com excelência, isto é, nesse imbricamento entre escola e território, tudo que a Copa Lord produz surte um efeito.

Existe um efeito Copa Lord no grande público, na mídia, na avenida, na sua comunidade. É uma escola que nunca passa sem reluzir o amarelo-ouro de sua cor. Esse efeito é o mesmo que uma frase como “aqui é Copa Lord!” como um corretivo para qualquer desatenção pode surtir. Ela torna o iniciante na bateria reflexivo, ela reergue os ombros e alinha a postura. O “aqui é Copa Lord” sempre me pareceu especialmente significativo, porque ela gera uma ação, se torna uma voz interna retida.

Para mim, uma novata, passar pela cabine dos jurados no desfile foi um momento carregado de muita tensão. Essa tensão é justamente o fato de que o “aqui é Copa Lord!” acaba sendo internalizado, ele produz um efeito nos iniciados na escola. Existe uma expectativa do público devido ao status e reputação da escola de samba como a maior e mais tradicional da cidade. Portanto, há uma responsabilidade ampliada de estar ciente disso, é com uma intenção moral que o “aqui é Copa Lord!” procura inscrever seus membros, enfatizando a importância do comprometimento deles com a preservação da reputação da escola. Nesse contexto, a frase pode ser empregada para destacar o prestígio e a responsabilidade associados à representação da Copa durante os desfiles de carnaval. Entretanto, não se trata apenas de não decepcionar o público “de fora”, mais que isso, trata-se de manter o seu prestígio.

Tânia Stolze de Lima afirma que o produzir um efeito é “provocar a presença de uma memória” (2013, p. 22). Esse é justamente o impacto da escola que tentei demonstrar nestas páginas. Existe uma memória coletiva sempre positiva da escola, por mais distintas que sejam a fonte e fios que ligam elas. Provocar memórias é algo que a escola faz com frequência, direta ou indiretamente.

Reforço, mais uma vez, aqui a ideia que trouxe de um imaginário como memória afetiva. Segundo Machado da Silva,

Nada mais fácil do que pensar o imaginário como um álbum de fotografias de família ou como o álbum de uma vida individual com suas diferentes etapas, utopias, expectativas, realizações, rituais, conquistas e passagens. Instagram e Facebook são dois gigantesco álbuns do imaginário atual. Nessa perspectiva, imaginário é tudo aquilo, positivo ou negativo, que a memória afetiva recorta e armazena. Normalmente o imaginário se apresenta como um compartilhamento, um imaginário social. No caso da memória afetiva, impõe-se o singular, o particular, a seleção involuntária pessoal, embora esse recorte se dê na intersecção com outros, na relação com um mundo, uma cultura, uma convivência ou, até mesmo, uma dificuldade de interação. Como se dá essa seleção de imagens? Difícil dizer do ponto de vista antropológico. Talvez nem importe. O que interessa é saber que imagens foram retidas. (Machado da Silva, 2020, p. 12)

Essa memória coletiva da escola é a que anseia pelo seu desfile na avenida. “A mais querida” não é apenas um bordão, ela não se resume a caracterizar a escola. Ele traz uma dimensão qualitativa para o discurso. Nesse sentido, espera-se muito da escola, pois ela nos promete muito.

Além de que, existe um efeito de afetação da escola dentro e fora da avenida, bem como, dentro e fora do “mundo do samba”, carregado na ideia de “querida”. O “mais querida” é um termo aglutinador de classes, ele unifica o próprio público de carnaval, como se fosse capaz de dissolver as fronteiras entre “o mundo do samba” e o público apenas espectador. Ele faz isso, como nenhum outro bordão faz, aproxima as pessoas da escola e perpetua seu legado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Igor T. L.; FERREIRA, Rafael L. **Ocupação Urbana e Degradação Ambiental: O Caso do Maciço Morro da Cruz em Florianópolis-SC**. Caderno Meio Ambiente e Sustentabilidade, v. 11, n. 6, 2017.

ANJOS, Priscila dos. **Próxima Parada: Monte Serrat**. 2016. 4 v. TCC (Graduação) – Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://readymag.com/jorufsc/proximaparadamonteserrat/>. Acesso em: 19 jun. 2022.

ARAÚJO, Camilo Buss. **Os pobres em disputa: Urbanização, política e classes populares no Morro da Caixa d'Água, Florianópolis - anos 1950 e 1960**. 2006. 170 f. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

AGOSTINHO, Zilmar Luiz dos Reis. O Surgimento das Escolas de Samba no Rio de Janeiro sob uma Perspectiva Territorial. **Revista Continentes**, [S.l.], n. 5, p. 93-112, jul. 2014. ISSN 2317-8825.

BLASS, Leila Maria da Silva. **Desfile na avenida, trabalho na escola de samba: a dupla face do carnaval**. São Paulo: Annablume, 2007.

BLUMENBERG, Abelardo Henrique. **Quem vem lá? A história da Copa Lord**. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2005.

BUDAG, Fernanda Elouise. **Intertextualidade, dialogismo e cultura material: Um estudo de narrativa ficcional audiovisual contemporânea**. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2016. 273 p.

CARDOSO, Vânia Zikan. Narrar o mundo: estórias do “povo da rua” e a narração do imprevisível. **Revista Mana**. 13(2):317-345, 2007.

CARDOSO, Vânia Zikán. Contar o passado, confabular o presente: performances narrativas, poéticas e as construções da história. In: RAPOSO, Paulo (Org.) et al. **A terra do não-lugar: diálogos entre antropologia e performance**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013, p. 43-60.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile**. Rio de Janeiro: FUNARTE; UFRJ, 1994.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, Renata de Sá (Org.). **Carnaval em múltiplos planos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, José Reginaldo Santos (Org.). **As festas e os dias: ritos e sociabilidade festivas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Drama, ritual e performance em Victor Turner. **Sociologia e Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 411- 440, Dec. 2013 .

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Ritual e mundo do samba. **Anuário Antropológico**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 377–383, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6070>. Acesso em: 7 out. 2023.

DOS ANJOS, José Carlos Gomes. **No território da Linha Cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Fundação Cultural Palmares, 2006.

FANTIN, Márcia. **Cidade dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FENERICK, José Adriano. **Nem do morro, nem da cidade: As transformações do samba e a indústria cultural. 1920-1945**. 2002. 322 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Econômica, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

FROTSCHER, Méri. **Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)**. Florianópolis, 2003. 279 páginas. Tese em História. Florianópolis: PPGH-UFSC.

FROTSCHER, Méri. **Identidades móveis: práticas e discursos das elites de Blumenau (1929- 1950)**. Blumenau: Edifurb, 2007.

GARCIA, M. L.; COSTA, S. L.; MENDES, R. **Memória, território e comunidade: extensão universitária na escola de samba X9 – Santos**, São Paulo. Rev. Ciênc. Ext. v.12, n.3, p.105-117, 2016.

GOLDWASSER, Maria Julia. (1975). **O palácio do samba: estudo antropológico da escola de samba Estação Primeira de Mangueira**. Rio de Janeiro, Zahar.

GOMES, André Procópio. **A construção da memória: identidade e narrativa na Blumenau pós Campanha de Nacionalização (1946-1980)**. 2021. 291 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

GUIMARÃES, Fernanda Paiva. **O samba em pessoa: narrativas das Velhas Guardas da Portela e do Império Serrano**. 2011. 219 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LEITE, Willian Tadeu Melcher Jankovski. **Enredo e Samba-enredo: O Caso das Escolas de Samba de Florianópolis (1977-1990)**. Monografia/TCC - Curso de Graduação em História. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

LEITE, Willian Tadeu Melcher Jankovski. **Na tela da TV, no meio desse povo: os enredos das escolas de samba de Florianópolis no mercado de bens simbólicos**. 2017. 149 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de

Ciências Humanas e da Educação - FAED, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2017.

LEOPOLDI, José Sávio. **Escola de samba, ritual e sociedade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010 [1977].

LIMA, Fátima Costa. Espaços de rua e de espetáculo no carnaval de Florianópolis. In: **Revista LINHAS**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 124 – 152, jul. / dez. 2008.

LIMA, Tânia Stolze. O campo e a escrita: Relações incertas. **Revista de Antropologia da UFSCar**, v. 5, n. 2, p. 9-23, jul.-dez. 2013.

MACHADO DA SILVA, Juremir. Cinco versões de imaginário. **Memorare: Revista de Linguagem e Cultura**, Tubarão, v. 7, n. 3, set./dez. 2020.

MAIA, Cauane G. Azevedo. O morro feminino é negro: uma análise interseccional sobre vozes negras em Florianópolis-SC. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 6, n.16 - 2019.

MALUF, Sônia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 69-82, dez. 1999.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes; TEIXEIRA, Luana; MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti (org.). **Pós-Abolição no Sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras**. Salvador: Sagga, 2020.

MOREIRA SANTOS, Ana Flávia. Peirce e O Beijo no Asfalto. In: PEIRANO, Mariza (org.). **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais** – Rio de Janeiro : Relume Dumará : Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo: diálogos entre corpografia e etnografia. **Ponto Urbe**. 19: 1-12, 2016.

PINHEIRO, Lisandra Barbosa Macedo. O samba tinha mais vida: memória de músicos e integrantes das comunidades do samba em Florianópolis/SC. **Antíteses**, vol. 11, núm. 21, 2018.

PINHEIRO, Hilton Fernando da Silva. **Enredos da vida: entre memórias e histórias da velha guarda da escola de samba Embaixada Copa Lord**. 2014. 183 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2014.

PRASS, Luciana. Saberes **Musicais em uma Bateria de Escola de Samba: uma etnografia entre os Bambas da Orgia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

RASCHE, Karla Leandro. Associações afrodescendentes em Florianópolis: articulações, projetos e combate ao racismo (1920-1955). In: MENDONÇA, Joseli Maria Nunes; TEIXEIRA, Luana; MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti (org.). **Pós-Abolição no Sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras**. Salvador: Sagga, 2020. p. 57-74.

RUCHAUD, Guilherme Galdo. A presença do passado na produção da cidade: as narrativas do Monte Serrat, em Florianópolis/SC. **Cadernos de Campo**, vol. 28, n. 1, São Paulo, 2019.

RUCHAUD, Guilherme Galdo. **Entre as lajotas do Monte Serrat: narrativas e materialidades na construção da cidade em Florianópolis**, 2019, 217 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

RUCHAUD, Guilherme. Narradores do Monte Serrat. **Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural**, Florianópolis, v. 11, n. 20, p. 82-99, jan-jun 2022.

RUFINO, Luiz e SIMAS, Luiz Antonio. 2018. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. 1. ed. - Rio de Janeiro : Mórula, 2018.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção**. 3ª ed. São. Paulo: HUCITEC, 1999. 384 p.

SANTOS, André Luiz. **Do Mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí**. Florianópolis: Fundação catarinense de cultura, 1981.

SEYFERTH, Giralda. O vale do Itajaí e a política imigratória do Império. **Blumenau em cadernos: edição especial 50 anos**, Blumenau, nº11/12, Tomo XLVIII, p.57-82, nov/dez 2007.

SILVA, Áurea Demaria. **No balanço da “Mais Querida”: música, socialização e cultura negra na escola de samba Embaixada Copa Lord** – Florianópolis (SC). São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, São Paulo, 2006.

SILVA, Elaine da. **Mãos na Quadra, Pés na Avenida: Trabalho e Tempo no Processo de Confecção do Carnaval na Escola de Samba Embaixada Copa Lord**. 2019. Monografia/TCC - Curso de Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SILVA, Marcelo. **O Poder da Criação: Outras histórias sobre os festivais de samba-enredo nas encruzilhadas do sul brasileiro**. 2017. 187 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SILVA, Marcelo. Políticas dos Tambores: existências afro-diaspóricas através do samba de terreiro na Grande Florianópolis. In: **Cadernos Textos e Debates** / Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos de Identidade e Relações Interétnicas. Número 23 (2021.2) - Florianópolis: UFSC/NUER, 2021, 148 p.

SOUZA, Isabella Cristina de. Café Ponto Chic como um espaço de memória: uma discussão sobre patrimônio cultural, convivência e o Café Senadinho. **Revista Confluências Culturais**, v. 3, n. 1, p. 1-10, março de 2014.

TOJI, Simone Sayuri Takahashi; CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O antropólogo aprendiz: quando o aprendizado de jovens no saber carnavalesco contribui para o processo de pesquisa. **Cadernos de Pós-Graduação - Educação**, São Paulo, v. 6, p. 23-29, 2007.

TOMÁS, Elaine Dorighello. **Antigos e Novos Olhares sobre o Maciço do Morro da Cruz: de Não Território a Território do PAC-Florianópolis**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, SC, 2012. 361 p.

TRAMONTE, Cristiana. **A pedagogia das escolas de samba de Florianópolis: A construção da hegemonia cultural através da organização do carnaval**. 1995. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

TRAMONTE, Cristiana. **O samba conquista passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis**. Florianópolis, Paris: FPH, Florianópolis: Diálogo/NUP-UFSC, 1996.

TURNER, Victor – 1967[2005]. Capítulo 4: “Betwixt and between: o período liminar nos “ritos de passagem””. In: **Floresta de Símbolos: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EdUFF. pp. 137-159.

TURNER, Victor – 1971[2008]. “Dramas sociais e metáfora rituais.” In: **Dramas, Campos e Metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Rio de Janeiro: EdUFF. pp. 19-53.

VIEIRA, Fabiolla Falconi. **O samba pede passagem: O uso de sambas-enredo no ensino de História**. 2016. 240 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2016.

OUTRAS REFERÊNCIAS

Podcast Floripa tem Samba - Ep. 01: Carlos Raulino. [Podcast]. Floripa tem Samba. 2020. Disponível em:
<https://open.spotify.com/episode/2aJAn2HVzW5DsmV5dURDLD?si=0f5261023e0d45c0>.
Acesso em: 11 de abril de 2023.

Podcast Floripa tem Samba - Ep. 02: Cristiana Tramonte. [Podcast]. Floripa tem Samba. 2020. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/0strAGqS1PxFgXOwiEfXmd?si=dda2484c79544c60>.

Acesso em: 11 de abril de 2023.

Podcast Jabuticaba Sem Caroço #222 - É época de folia: o Carnaval nos quatro cantos do Brasil. Entrevista com Cristiana Tramonte e Daniel de Thomaz. [Podcast]. 2023.

Disponível em: <https://sputniknewsbr.com.br/20230222/e-epoca-de-folia-o-carnaval-nos-quatro-cantos-do-brasil-27676149.html>

Acesso em: 20 de outubro de 2023.